



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**EXPECTATIVAS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA EM RELAÇÃO
A SEU FUTURO TRABALHO PROFISSIONAL**

Wellington Santos

FLORIANÓPOLIS
2004

**EXPECTATIVAS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA EM RELAÇÃO
A SEU FUTURO TRABALHO PROFISSIONAL**

Wellington Santos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Sílvio Paulo Botomé.

**FLORIANÓPOLIS
2004**

*“O desafio... não somente dar bons cursos
no sentido que são organizados, bonitos...
que agradam ou divertem aos alunos,
e sim dar cursos que constituam também uma contribuição social.
Temos que deixar de ser professores e passar a ser
agentes de transformação social por meio do ensino”.*

Sílvia Paulo Botomé

*Dedico esse trabalho aos estudantes de Psicologia,
com a expectativa de que,
com a posse de conhecimento a respeito do ser humano,
eles possam atuar profissionalmente
em prol do desenvolvimento deste ser.*

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Beatriz pela compreensão, ajuda e apoio nos vários momentos em que foram tão necessários.

Aos meus pais Devonzir e Julieta pelo incentivo e grandeza nos exemplos de força, luta e perseverança.

Ao meu Professor Orientador Sílvio Paulo Botomé, que não mediu esforços para que, com suas orientações, fosse mantido o rumo da jornada e atingido o objetivo projetado.

Apresentação

Um curso superior é um importante empreendimento na vida de uma pessoa. É um processo que inicia e cuja conclusão ocorrerá num futuro, e até a concretização traz consigo uma carga de esperanças baseadas em supostos diretos, probabilidades e promessas. Esperanças que podem ser traduzidas como expectativas conforme as definições de Pieron (1972) “expectativa é uma atitude de espera com um certo grau de esperança” e de Silamy (1998, p. 99) “a espera de um sujeito”. Assim é entendida expectativa nessa pesquisa.

Há relevância no estudo da expectativa humana por ser um fenômeno presente em qualquer empreendimento humano, além de orientar comportamentos dos indivíduos em relação aos fenômenos para os quais há expectativa. Essa é a pretensão dessa pesquisa. Caracterizar as expectativas dos estudantes de Psicologia em relação ao futuro exercício da profissão nas diversas fases que compõem o curso.

O trabalho escrito foi dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo contextualiza a expectativa como uma representação social em relação ao futuro exercício profissional e os estudos realizados sobre expectativa. Diferencia campo de atuação de mercado de trabalho e oferece uma perspectiva dinâmica do processo de elaboração das expectativas pelos sujeitos na medida em que o curso avança. As expectativas em relação ao futuro exercício da profissão estão presentes desde o momento da escolha da profissão, construídas a partir de informações oriundas de múltiplas fontes nem sempre adequadas à formação de uma representação próxima do real. Modificadas a partir da entrada na Universidade essas expectativas representam a imagem do próprio estudante e da profissão. No capítulo de número 1 ainda são explicitadas teoricamente as relações entre a dinâmica social e campo de atuação profissional e as expectativas frustradas que possibilitam a evasão escolar ou o abandono da profissão, que trazem como decorrência prejuízos pessoais, institucionais e sociais.

O capítulo dois mostra o método utilizado para a realização da pesquisa. Caracteriza os sujeitos, a situação e o ambiente onde ocorreu e os procedimentos adotados para a escolha dos sujeitos, para a elaboração do instrumento de coleta de dados, de contato com a instituição, de contato com os sujeitos e de coleta de dados.

Os dados obtidos são descritos e interpretados a partir do capítulo três. Esse capítulo procura demonstrar as informações e as influências para a decisão de fazer o curso de Psicologia como formação para o futuro exercício profissional. Os resultados mostram as

informações e fontes que orientam a escolha do curso de Psicologia e três grandes tipos de influência para a escolha desse curso como formação profissional, assim como as interpretações acerca das influências dessas informações.

O capítulo quatro pode ser considerado o ponto fundamental desse estudo procurando mostrar as expectativas dos estudantes de Psicologia em relação ao futuro trabalho profissional. São demonstrados resultados referentes aos desejos em relação ao exercício profissional, aos fenômenos com os quais desejam trabalhar, aos supostos diretos, às probabilidades e as promessas que constituem as expectativas dos estudantes em relação ao futuro exercício da profissão.

O quinto capítulo procura mostrar as expectativas dos estudantes em relação à continuidade dos estudos e planejamento para o exercício da profissão de Psicólogo à longo prazo. Os dados e a interpretação demonstram a criação no meio universitário de uma condição cíclica desfavorável ao planejamento do curso e do estudante em relação ao seu futuro profissional.

O sexto e último capítulo procura uma análise mais global dos resultados e uma discussão sobre o que revelam as expectativas dos estudantes de Psicologia em relação ao seu futuro exercício profissional relacionando os dados obtidos e suas respectivas interpretações à realidade do mundo acadêmico e as possibilidades de alterações na conduta das Instituições de Ensino Superior para a melhoria do planejamento e da execução do serviço oferecido à sociedade.

Nos apêndices constam o instrumento de coleta de dados e tabelas descritas dos dados obtidos em relação aos locais onde os estudantes tem expectativa de atuar profissionalmente, profissionais com os quais os estudantes imaginam relacionar-se o psicólogo, as rejeições e dificuldades imaginam enfrentar um profissional de Psicologia em sua atuação profissional. Esses dados não foram considerados para a elaboração dessa obra, mas constituem-se em material rico para a elaboração de outras obras semelhantes, artigos e novas pesquisas que pretendam ajudar na compreensão das representações feitas pelos alunos de Psicologia sobre a profissão que irão seguir e a compreensão de sua identidade profissional.

SUMÁRIO

Resumo	1
Abstract	2
1. A expectativa como representação social do futuro exercício profissional	3
1.1 Conceito de expectativa	4
1.2 Noção de campo de atuação	5
1.3 O que revelam estudos sobre expectativas	6
1.4 Expectativas presentes na escolha da profissão	7
1.5 Expectativas construídas com base em pressupostos inadequados, fantasias e conhecimentos de senso comum	9
1.6 Modificações das expectativas no decorrer do curso de graduação	11
1.7 Expectativas como representações da imagem do próprio estudante e da profissão	14
1.8 Relações entre dinâmica social e campo de atuação profissional	16
1.9 Possibilidades de atuação no campo profissional em função do conhecimento sobre o objeto de intervenção	17
1.10 Abandono e expectativas frustradas como iniciação social no exercício profissional	19
1.11 Relevância no estudo da expectativa em relação ao campo de atuação profissional.....	20
2. Método	22
2.1 Sujeitos	22
2.2 Situação e ambiente	22
2.3 Equipamento e material	23
2.4 Procedimentos	23
3. Informações e influências para a decisão de fazer o curso de Psicologia como formação para o futuro exercício profissional	26
3.1 As informações e fontes que orientam a escolha do curso de Psicologia	27
3.2 Três grandes tipos de influências na escolha do curso de Psicologia como formação profissional	30
3.3 A influência das informações	33

4. As expectativas dos estudantes de Psicologia em relação ao futuro exercício da profissão	40
4.1 Desejos em relação ao exercício da profissão de psicólogo	40
4.2 Tipos de fenômenos com os quais os estudantes de Psicologia desejam trabalhar em sua futura atuação profissional	45
4.3 Os supostos diretos, as probabilidades e as promessas	48
5. Expectativas em relação à continuidade dos estudos e planejamento para o exercício da profissão de psicólogo a longo prazo	55
5.1 A expectativa de continuidade dos estudos	55
5.2 Planos para uma atuação profissional a longo prazo	57
5.3 Uma condição cíclica desfavorável ao planejamento do curso	59
6. O que revelam as expectativas dos estudantes de Psicologia em relação ao futuro exercício profissional	63
Referências	67
Apêndices.....	70
Apêndice 1. Questionário	71
Apêndice 2. Capítulo 7 – Tabelas e descrições	76
Apêndice 3. Capítulo 8 - Tabelas e descrições	82

RESUMO

Expectativas de estudantes de Psicologia em relação a seu futuro trabalho profissional

O que seria de um evento sem as expectativas das pessoas em relação a ele? Um curso superior é um importante empreendimento na vida de uma pessoa e é cercado de expectativas. Presentes no início do curso, essas representações vão alterando no decorrer do curso de graduação, influenciadas preponderantemente pela academia. Como representação, interfere na imagem que o estudante tem de si próprio, assim como na imagem do curso. Acompanham os recém formados nas primeiras incursões do profissional no mercado de trabalho e poderão ser fatores determinantes para frustração e abandono da profissão, o que traria sérias decorrências para o sujeito, para a instituição e para a sociedade. Caracterizar as expectativas de estudantes é de fundamental importância para as instituições de ensino superior poder planejar e elaborar suas estratégias de atuação na tarefa de formação de profissionais de nível superior com a melhoria da qualidade de ensino nos cursos de formação de profissionais. Como conseqüência podem influir no desenvolvimento de pessoas mais capacitadas para atuarem em seu exercício profissional, facilitando aos egressos dos cursos a atingir objetivos pessoais, profissionais e sociais. O objetivo de pesquisa em relação ao considerado é caracterizar as expectativas que acompanham os estudantes de Psicologia desde o início do curso em relação ao futuro exercício profissional, e suas modificações no decorrer da graduação, fruto das experiências e inter-relações do estudante com a Universidade. Os dados foram coletados no primeiro semestre do ano de 2004, por meio de questionário composto de perguntas abertas, aplicado a estudantes do curso de Psicologia de uma Universidade do sistema fundacional do Estado de Santa Catarina, em períodos cedidos por professores e na ausência desses, nas diversas fases que compõem o curso (1ª, 3ª, 5ª, 7ª e 9ª). Os dados coletados foram organizados, tratados, analisados de forma quantitativa, divididos em categoria de respostas, distribuídos em ocorrências e percentuais e de forma qualitativa a partir das respostas de cada sujeito, descritos e interpretados de forma a possibilitar a consecução do objetivo da investigação. Os resultados possibilitam mostrar que os estudantes de Psicologia iniciaram a graduação sem informações precisas sobre o curso, tem a expectativa de futura atuação voltada para as áreas clássicas (clínica em maior incidência, organizacional e escolar) aparecendo outras áreas consideradas emergentes na atuação em Psicologia mas com menor incidência e que não tem uma clara visibilidade de suas possibilidades de atuação profissional. Isso resulta na criação de expectativas fundadas em informações parciais, fantasiosas e distorcidas o que dificulta ao aluno planejar o seu ingresso no mundo profissional após a conclusão do curso de graduação. Há um longo caminho de aprendizagem para a Universidade no sentido de preparar o aluno para sua inserção no mercado de trabalho, ampliando a visibilidade das possibilidades em relação ao campo de atuação.

Palavras-chave: Expectativa, Formação profissional, Campo de atuação

ABSTRACT

Psychology students' expectations in relation to their future professional work

What is an event for without people's expectations towards it? A College/University graduation is a very important achievement in somebody's life and it also holds out a lot of expectation. These representations - which were present in the beginning of the graduation course - are going to change greatly influenced by the academy. As representations, they interfere in the image the student has of himself/herself, in the same way, in the one he/she has about the course. They go along with the newly graduated student in their first incursions into the working market. They may also be determinant factors in relation to the frustration and abandon of the profession, which could bring serious consequences to this person, to the institution and to the society. Characterizing the students' expectation towards the future professional performance is fundamental for the Higher Education Institutions to be able to plan and develop their acting strategies on the formation of the professional from new information and subsidy which will allow more appropriate actions to improve the teaching quality of the Psychology Professional Formation Courses, making it easier for the attenders to accomplish their personal, professional and social goals. The data were collected in the first semester/2004, through a survey formed by open questions applied to Psychology students of a University from Santa Catarina's Foundation System, in Brazil, covering the several stages this course is made up. All the acquired data were organized, considered, analyzed in a quantitative pattern, shared in answers degrees, distributed in occurrences and percentages in a qualitative pattern by each person's answers, described and interpreted in order to make possible to achieve the goals of the organization. The results show that the Psychology Students began the graduation without accurate information about the course. They have the expectancy of a limited future actuation, bending to the classical areas (clinical with more incidence, organizational and school), whose acting has a target to correct deficiencies with no precise knowledge about their possibilities and the professional range. This is the result of the expectancy creation funded in partial, imagining and distorted information, which make it difficult for the student to plan his/her entrance in the professional life after graduating. These confirmations evidence the need of the University to prepare the student for the adequate professional practice, extending the knowledge of the acting possibilities and promoting his/her placement in the working life.

Key words: Expectation, professional formation, acting possibilities

1

**A EXPECTATIVA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO FUTURO EXERCÍCIO
PROFISSIONAL**

O que seria de um evento sem as expectativas das pessoas em relação a ele? Expectativa é uma representação social, e como tal, inerente ao ser humano, que segundo Pieron (1972), “é uma atitude de espera com certo grau de esperança”, e é definida por Silamy (1998, p.99) como “espera de um sujeito”. Estudar as expectativas é relevante pois ela está presente em qualquer empreendimento humano, além de orientar comportamentos dos indivíduos em relação aos fenômenos para os quais há expectativa. Um curso superior, é um empreendimento importante na vida de uma pessoa e é cercado de expectativas. Essas estão presentes no momento da escolha da profissão, criadas muitas vezes com base em pressupostos inadequados ou mesmo a partir de fantasias e conhecimentos de senso comum. Estão presentes no início do curso e vão alterando no decorrer da graduação, influenciam, como representação, na imagem do próprio estudante assim como na formação da imagem do próprio curso. Influenciarão nas primeiras incursões do profissional no mercado de trabalho e poderão ser influências na frustração e no abandono da profissão, o que traria sérias decorrências para o sujeito, para a instituição e para a sociedade. Dessa forma, é necessário e relevante, social e cientificamente, produzir conhecimento que permita responder à pergunta sobre qual a expectativa dos estudantes de Psicologia, nas diversas fases do curso, em relação ao futuro exercício profissional.

O exercício profissional em qualquer área é precedido de uma preparação, de um desenvolvimento de competências e habilidades, que capacitam o indivíduo para as intervenções necessárias. Essa preparação, esse acúmulo de informações, essas alterações constantes, são acompanhadas de expectativas, que influenciam na formação da identidade profissional. É preciso, em função da busca constante de melhoria na qualidade da formação de profissionais, melhor examinar a atuação profissional em relação aos seus determinantes, e um desses determinantes, é a expectativa frente à possibilidade de atuação.

1.1 Conceito de expectativa

Há necessidade da explicitação do termo expectativa, tornando claro o seu sentido na contextualização do problema. Considerada uma representação social, pois sendo um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no discurso das comunicações interindividuais, cabe na definição de representação social proposta por Moscovici (1978, p.26), “maneira pela qual o senso comum expressa seu pensamento”. São crenças partilhadas adotadas por um grupo de pessoas e empregadas para explicar a experiência social. “As representações sociais variam em escopo, das crenças ideológicas partilhadas em grande escala por uma sociedade em geral a crenças adotadas em menor escala por membros de um grupo social específico ou subcultura” (Stratton e Hayes, 1997). Como membros de um grupo social específico, podemos incluir estudantes de um determinado curso superior. Xavier (2002) em seu estudo sobre a relação entre os conceitos de representação social e ideologia esclarece:

As representações sociais são um sistema ou sistemas de interpretação da realidade, que organiza as relações dos indivíduos com o mundo e orienta suas condutas e comportamentos no meio social, permitindo-lhe interiorizar as experiências, as práticas sociais e os modelos de conduta, ao mesmo tempo em que constrói e se apropria dos objetos socializados. A relevância sociológica dos estudos das representações sociais, desse modo, está no fato de que elas fundamentam práticas e atitudes dos atores, uns em relação aos outros, ao contexto social e àquilo que lhes acontece. (Xavier, 2002, p.20).

Ferreira (2002), em seu dicionário traz o verbete expectativa como sendo “esperança, baseada em supostos direitos, probabilidades ou promessas”. A expectativa surge como uma antecipação conscientemente presente de um acontecimento futuro. No *Comprehensive Dictionary of Psychological Terms* expectativa é definida como “uma atitude tensa e um tanto emocional para uma perspectiva de um certo acontecimento-sinal, antecipação que realça a preparação motora, previsão ou premeditação, que realça o aspecto intelectual”. Essas definições vinculam intimamente o evento e a representação social que surge na pessoa, numa espécie de preparação para esse evento, como uma forma de plano e de planejar sobre o futuro, como ratifica o *Dicionário de Ciências Sociais – FGV RJ* (1986, p.448) – “expectativa é um estado subjetivo, derivado de uma orientação dentro de um processo de tempo, que pode ser descrito como o tipo de experiência que se relaciona ao ajustamento do indivíduo perante a antecipação de experiências”.

1.2 Noção de campo de atuação

Mello (1983) em relato de estudos sobre a Psicologia e a profissão no Estado de São Paulo afirma que a profissão surge a partir de necessidades sociais para as quais há procura de solução. Na tentativa de resolver problemas os homens sistematizam procedimentos e produzem intervenções nos eventos que pretendem alterar, visando a obtenção de estados ou de resultados mais satisfatórios. A sequência de intervenções e de alterações cria, ao longo do tempo, uma tradição na prestação de serviços, gerando um clima favorável para a aceitação social da profissão. É nesse momento que, em geral, ocorre a regulamentação de uma profissão. Portanto a atuação profissional se constitui em uma prestação de serviço, com a aplicação de técnicas e procedimentos, que tendem a suprir uma necessidade social, aceita por uma sociedade como relevante, naquele momento histórico.

Há necessidade, para bem delimitar o problema, o entendimento de futuro exercício da profissão. Para dirimir eventuais dúvidas quanto a utilização dos termos, é preciso clara distinção entre campo de atuação profissional e mercado de trabalho. Botomé (1988, p. 281) fazendo uma distinção entre campo de atuação profissional e mercado de trabalho diz ser “bastante difundida a noção de que as possibilidades de exercício de uma profissão são definidas pelo mercado”, ressaltando a necessidade de que isso precisa ser melhor estudado em relação a sua importância para a orientação da formação de profissionais do ensino superior. Segundo o autor, “mercado profissional define-se pela oferta de empregos existentes ou esperáveis. Campo de atuação profissional é definido pelas possibilidades de atuação profissional, independente de ofertas de emprego”.

Esclarecer a noção de campo de atuação profissional exige maior clareza sobre o que quer dizer a expressão possibilidade de atuação profissional, pelo menos como contraste à noção de mercado para a profissão. Essas concepções precisam ser melhor esclarecidas em relação a sua importância para a orientação da formação de profissionais do ensino superior. Os que atuam em um campo profissional possuem como responsabilidade, a intervenção direta na sociedade para lidar com certas categorias de problemas. As respostas para o problema dessa pesquisa estão na investigação sobre as expectativas dos estudantes de Psicologia em relação às possibilidades de atuação e não aos empregos oferecidos, nessa ou naquela região.

1.3 O que revelam estudos sobre expectativas

As representações dos estudantes a respeito do futuro exercício profissional merecem atenção. Elas influem em parte dos comportamentos dos alunos perante o curso e profissão. Estudos significativos, em cursos de Psicologia, sobre essas representações revelam que, ao averiguar a visão de alunos, eles trazem informações não apenas insuficientes, como inconsistentes, a respeito das atividades profissionais dos psicólogos. Botomé (1988, p. 276) destaca em estudos dedicados ao campo de atuação profissional que, “as próprias expectativas em relação aos cursos de Psicologia revelam uma percepção bastante inadequada do campo de atuação profissional”.

Botomé (1988, p. 281), sintetizando alguns aspectos que podem ser destacados em estudos que são dedicados ao campo de atuação profissional dos psicólogos, efetuados com os próprios profissionais e estudantes de Psicologia do Brasil, destacou: “expectativas em relação aos cursos de Psicologia revelam uma limitada compreensão do que é possível fazer com o domínio do conhecimento em Psicologia. Tais percepções ignoram muito das situações e aspectos da realidade com as quais o psicólogo pode ou deve atuar”. E complementa: “A formação profissional deixa de habilitar o aluno e o futuro profissional para estudar, analisar, elaborar, testar e desenvolver projetos de trabalho profissional, parecendo estar baseada em modelo pronto. Nem ao menos há, ainda, uma significativa dedicação na Universidade, ao desenvolvimento de conhecimento sobre outras possibilidades de realização do exercício da profissão”. Gomide (1988), verificando a formação acadêmica de Psicologia e fazendo referência às deficiências nela encontradas, comenta que há constatação que a formação do psicólogo brasileiro deixa muito a desejar, pois são encontrados baixo nível de conhecimento, muita técnica e pouco questionamento sobre o contexto em que vai atuar, além de verificados quão restritas são as alternativas para atuação profissional. Essas conclusões demonstram a relevância de estudos dirigidos a um estreitamento entre o que é ensinado na Universidade e as várias possibilidades de desenvolvimento e atuação profissional.

Expectativas estão vinculadas aos interesses de forma dialética, influenciando e sendo influenciada por eles. Mello (1983), divulgando resultados de estudos sobre a Psicologia e a profissão em São Paulo revela que “a Psicologia nas organizações é entregue a elementos com menores qualificações, reclamando por uma formação mais bem cuidada e um interesse por esse tipo de trabalho” (1983, p. 51). Zanelli, tendo como objetivo identificar e analisar necessidades derivadas das atividades de trabalho do psicólogo organizacional brasileiro e

suas inter-relações com a formação profissional, concluiu que a falta de apreensão crítica da realidade e a falta de domínio científico resume a realidade da formação.

Falta preocupação com a pesquisa e com a extensão de serviços à comunidade. A formação metodológica científica é mínima. Não se verificam atividades de treino em pesquisa ou esforços para sedimentar as atividades de aplicação em bases teóricas e metodológicas. O resultado é a produção de um profissional com baixo nível de conhecimento, com domínio de algumas técnicas dispersas e precário exercício crítico sobre o contexto em que vai atuar. (Zanelli 1995, p. 98).

Mais adiante, na mesma obra, Zanelli (1995) comenta que “os estudantes, em semestres finais de graduação, revelam uma limitada compreensão do que é possível fazer com o domínio do conhecimento em Psicologia” (p. 104). O exame das expectativas que estudantes têm em relação ao futuro exercício da profissão permite uma visão a respeito da provável orientação que os futuros profissionais darão às suas atividades, em função do que conhecem sobre a realidade na qual vão oferecer os seus serviços, e sobre as situações com as quais poderão e deverão lidar.

1.4 Expectativas presentes na escolha da profissão

Antes mesmo do indivíduo estar na condição de estudante da graduação, matriculado em uma Universidade, há um momento em que o mesmo necessita escolher o curso que irá frequentar e o direcionamento que dará à sua vida profissional. As expectativas quanto à atuação profissional aparecem já no momento da escolha da profissão como demonstra Mello (1983), baseado em resultado de estudos sobre a Psicologia e a profissão do psicólogo em São Paulo. A situação do sujeito levado a enfrentar o problema da escolha ocupacional, é basicamente, uma situação de conflito, e como tal, envolvendo ansiedade, expectativa, angústia, dúvida e medo. Mello (2002), em sua obra sobre o desafio da escolha profissional, traz a informação de que “por mais rudimentar, tortuoso, preconceituoso, simplista ou impulsivo que seja o processo mental de escolha, nele o sujeito sempre usa algum tipo de autodiagnóstico e de autoprogóstico” (p. 107). Os conflitos de escolha e dilemas decisórios envolvem sempre uma predição ou previsão sobre o fenômeno que gera o conflito ou o dilema. É uma tentativa probabilística de acerto, sujeitas a avaliações com teor de subjetividade, cercada muitas vezes de informações parciais e expectativas por parte de quem escolhe. Essa escolha, complexa e delicada, com muita frequência esbarra no impasse do

conflito, que envolve concomitantes emocionais que acarretam confusão de sentimentos que, por sua vez, agrava o quadro decisório (Mello, 2002).

Santos (1985), explicando em sua obra, a Psicologia aplicada à orientação vocacional, sobre a necessidade de orientação dos indivíduos, considera que a ampliação das oportunidades de trabalho, de estudos, existentes na vida moderna, criou para o homem, e Mais especificamente para os adolescentes, um grande número de problemas que são, sobretudo, de escolha e de ajustamento a novas situações. “Evidentemente não seria esse o quadro de uma sociedade de séculos passados, na qual os caminhos já se encontravam mais ou menos delineados para os indivíduos desde o nascimento. As novas oportunidades se, de um lado, facilitam opções, geram, por outro lado, exigências específicas, outrora dispensáveis”. (Santos 1985. P.19).

Caracterizam essas “exigências específicas” ansiedade, temores e expectativas. Santos, no mesmo estudo (1985, p. 48), examinando oportunidades e expectativas, afirma que “como opções escolares e profissionais constituem itens de uma necessidade e uma expectativa social, assumem elas uma gradativa pressão sobre os jovens, atingindo seu ponto crítico ao final do ensino de 1º grau e durante todo o segundo grau, quando se apresenta a escolha de um curso superior. Ademais, novas opções podem aparecer na vida profissional posterior ou durante o curso universitário”. O autor, (p. 49), insiste que “quando é compilado e analisado o vasto panorama de ofertas de escolas e de cursos, de sistemas de formação profissional e de emprego, de atividades sociais e políticas, os profissionais ficam frontalmente diante de um conjunto de valores sociais e de expectativas que a sociedade coloca frente a um jovem, ou adulto, que se integra na dinâmica social. Para não ser marginalizado, punido ou destruído, o indivíduo obedece a essas imposições e, muitas vezes, nesse processo de submissão, coopera com a manutenção desses valores e expectativas”. Dessa forma é possível inferir a presença de expectativas no meio onde vive o sujeito, tanto quanto no próprio sujeito, no momento da realização da escolha da profissão.

Nos estudos realizados sobre as representações de estudantes de Psicologia, descritas no livro “Quem é o psicólogo brasileiro?”, há relação entre motivos da escolha profissional e expectativas quanto à atuação profissional. Carvalho; Ulian; Bastos; Sodré; e Cavalcante (1988), em estudo sobre valores implícitos nos motivos indicados pelos psicólogos, afirmam que cada ocupação ou profissão tem uma cultura própria, aí incluídos os padrões de conduta aceitos e os valores incentivados. Parece evidente, portanto que um dado trabalho, por razões culturais atrairá mais algumas pessoas do que a outras, dependendo das características pessoais delas. Algumas pessoas terão sucesso com certos trabalhos e os

executarão com entusiasmo, com dedicação e sem grande esforço. O mesmo trabalho porém, poderá parecer, a outras pessoas sem as mesmas inclinações, extremamente desgastante. Parece legítimo, assim, explorar, tomando como dado, os motivos verbalizados pelos psicólogos como determinantes de sua escolha profissional, o conjunto de valores que cercam o exercício da Psicologia, integrando uma possível cultura ocupacional, e fazendo com que as pessoas encontrem identificação e busquem essa profissão. Por outro lado, a identificação desses valores é um passo no sentido de discutir a imagem social da profissão. Tais afirmações, oriundas de estudos sobre a formação do psicólogo brasileiro, demonstram haver expectativa quanto ao futuro exercício da profissão, já no momento da escolha da profissão. Essas expectativas estarão presentes, antes de sofrerem influência do mundo acadêmico, no início do curso.

1.5 Expectativas construídas com base em pressupostos inadequados, fantasias e conhecimentos de senso comum.

Informações falsas, fantasiosas, ideacionais, baseadas em pressupostos inadequados ou em conhecimentos de senso comum sobre um evento qualquer, podem criar expectativas inadequadas em relação a esse evento. Por ser expectativa, uma antecipação conscientemente presente de um acontecimento futuro, essa antecipação poderá surgir como uma espera real, ou cercada de fantasias ou mesmo, para criar uma imagem calcada sobre conceitos do senso comum. Algumas representações sociais dos estudantes sobre o campo de atuação, são baseadas no senso comum. Abdalla (1998, p. 113), em seus estudos sobre representação social de estudantes de Psicologia afirma que “desde quando passei a lecionar para alunos de Psicologia, observei uma forte presença de representações sociais sobre o psicólogo, baseadas no senso comum”. Também faz referência à falsas expectativas quando relata que “grande contingente de indivíduos que busca a profissão de psicólogo, não o faz pelas possibilidades de realização financeira, ou “status”. Em muitos casos os próprios sujeitos reconhecem que tais expectativas “eram uma fantasia, ilusão ou mito de uma profissão em ascensão.” (Carvalho; Ulian; Bastos; Sodré e Cavalcante, 1988, p. 64).

É necessário levar em conta as conclusões de Cruz (1998, p. 16) a partir de suas reflexões sobre a formação de psicólogos, onde afirma que “as concepções que os alunos têm sobre a Psicologia, ao ingressarem no curso, são importantes não só para identificá-los, mas

também porque trazem idéias e imagens sobre a ciência, formadas fora dos círculos acadêmicos e profissionais especializados” e “que as informações possuídas pelos alunos são obtidas tanto por meio de fontes especializadas (livros e revistas) como nos meios de comunicação de massa, o que gera as inconsistências na representação do trabalho do psicólogo, que aparece estereotipado e pouco realista. Tal realidade sendo conhecida fornece subsídios para o repensar da prática do psicólogo, seu papel e sua formação” (p.17).

Bock (1997), refletindo sobre um debate referente ao significado do fenômeno psicológico influenciando a formação dos psicólogos, afirma que essa tem sido dominada pela visão liberal de homem. Psicólogos tem sido formados, segundo a autora, na perspectiva do individualismo, da naturalização do homem e do fenômeno psíquico. Há priorização da prática clínica nos consultórios particulares (clínicas escola tem sido constituídas à imagem e semelhança desses consultórios e não à imagem e semelhança das instituições do serviço público). Os cursos atraem jovens que desejam “fazer Psicologia” para ajudar o outro e conhecer a si próprio, denotando valores individualistas em uma prática assistencial. Os cursos fornecem uma formação técnica que ensina a atuar de determinada maneira em determinada situação, desenvolvendo pouco ou quase nada a capacidade de lidar com o novo, com o desconhecido. “Análises têm apontado que o Psicólogo aprende pouco sobre o que seja o fenômeno psicológico com o qual trabalha, tornando-se difícil a construção de novos fazeres”. (Bock, 1997, p. 41).

Até a legislação, que regulamenta a formação profissional, vista de forma parcial, ou descuidada, pode induzir a enganos ou à criação de pressupostos inadequados, influenciando nas expectativas em relação ao exercício profissional. A legislação define parâmetros para o funcionamento dos cursos de formação, tais como carga horária, currículo mínimo, tempo mínimo e máximo para a formação, e outras definições. Essas leis e normas vigentes existem também para serem alteradas na medida em que a sociedade, dinâmica, e em consequência as instituições e todos os que delas fazem parte, são modificadas com o tempo. O curso de formação sofrerá influência das definições da legislação regulamentadora da profissão sobre as funções e as áreas de atuação e, portanto, deve existir compatibilidade entre as diretrizes que orientam a formação e as que regulam o exercício profissional.

Como exemplo de possibilidade de formação de pressuposto inadequado a partir da legislação, existe a Lei n. 4.119 de 27/08/62 (que dispõe sobre a formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo) no seu capítulo III – dos direitos conferidos aos diplomados, (art. 13, § 1º) diz que constitui função do psicólogo a utilização de métodos e

técnicas psicológicas com os seguintes objetivos: a) diagnóstico psicológico, b) orientação e seleção profissional, c) orientação psicopedagógica, d) soluções de problemas de ajustamento (CFP, 1999, p. 21). Com funções tão limitadas, há dificuldade no reconhecimento das verdadeiras possibilidades de atuação profissional.

Leis que não abrangem todas as possibilidades de atuação profissional, informações parciais que veiculam em publicações que teriam a proposta de informar sobre as profissões, desejos dos familiares, pressão social e cultural e a falta de fontes de informações mais amplas e fidedignas a respeito das profissões, podem levar o sujeito que está na condição de decidir a respeito de sua vida profissional a formular essa decisão calcado em parâmetros inadequados, assim como em falsos pressupostos, fantasias e conhecimentos de senso comum. O que aumenta significativamente a possibilidade de uma decisão errada com consequências e desdobramentos prejudiciais ao decorrer da vida universitária, no futuro profissional e pessoal.

1.6 Modificações das expectativas no decorrer do curso de graduação

Expectativa é uma representação social e, como tal, dinâmica, que surge e é modificada a partir das circunstâncias que cercam os sujeitos. “Apesar de sua natureza partilhada, as representações sociais são dinâmicas, negociadas por meio da interação social e da conversação, bem como modificadas ou adaptadas à medida que são incorporadas pelos indivíduos na sua concepção de mundo” (Stratton e Hayes, 1997)

Bock (1997) em debate sobre os fenômenos psicológicos ressalta a importância da influência do meio na formação desses fenômenos:

O homem, e todo o pensamento teórico e sistemático sobre ele, tem origem na realidade social. O indivíduo, ao entrar em contato com os objetos da cultura, adquire as habilidades necessárias a sua sobrevivência nessa cultura e ao adquirir as condições para sobreviver, adquire também uma visão de mundo, um conjunto de significados, pois essa relação do homem com a cultura, mediada que está pelos outros homens, tem como elemento fundamental a linguagem. No conjunto das relações sociais, mediadas pela linguagem, o indivíduo vai desenvolvendo sua consciência. Com o desenvolvimento da consciência, o homem sabe seu mundo, sabe-se no mundo, antecede as coisas do seu mundo, partilha-as com os outros, troca, constrói e reproduz significados. (Bock, 1997, p 38).

Por seu dinamismo, as expectativas alteram com o passar do tempo e de acordo com as alterações do meio. No decorrer de um curso de graduação, um acadêmico encontra muitas circunstâncias. São novas informações, inter-relações e situações. Há uma nova forma de relação com colegas, professores, instituição. Silva (1984, p. 45), afirma em sua dissertação de mestrado sobre a percepção de estudantes de Psicologia, em relação ao trabalho clínico que “a população de alunos do curso de Psicologia, ao longo do curso podem mudar as expectativas em função de muitas variáveis: currículo (teoria e prática), contato com colegas de curso, contato com profissionais da área, entre outras”. Dentro de um curso de graduação, no decorrer do desenvolvimento, o estudante passa a ter diferentes referências em relação à sua escolha profissional. Nos resumos de comunicação científica apresentado na XXXII reunião anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Rossi, Oliveira, Bitencourt, Abreu, Hillen, Araújo e Moraes (2002, p.286) divulgam resultado de sua pesquisa sobre relação entre as expectativas dos alunos e a formação e concluem que “metade dos alunos entrevistados responde afirmativamente a uma reformulação em relação às suas expectativas iniciais e afirmam que essa reformulação foi possível por terem suas visões de mundo alteradas pelo curso de Psicologia”.

Além de mudanças nas expectativas dos estudantes em relação ao que poderão desenvolver profissionalmente, também são verificadas outras mudanças pessoais em vários aspectos. Mudam percepções, posturas, vocabulário, e em consequência disso, todo o sistema de relações do sujeito sofre alterações. Essas alterações influenciam as decisões que o estudante necessita tomar durante o decorrer de todo o curso de graduação, como também na projeção e planejamento de sua futura atuação profissional.

Nas críticas que recaem sobre a formação do psicólogo, o professor é um foco de atenção, pois “ele contribui para a criação das imagens da profissão” (Cruz, 1998). Em reflexões sobre a formação de psicólogos esse autor afirma:

Muitos psicólogos fazem parte do corpo docente dos cursos de Psicologia, e cada um deles, a sua maneira, influencia a formação do futuro profissional com diferentes graus de intensidade. Ao ingressar na Universidade, o aluno depara-se, com aqueles profissionais, que o iniciam na formação acadêmica. No primeiro ano do curso de Psicologia, diante de matérias de cunho introdutório, o professor precisa prestar informações face as mais variadas curiosidades e dúvidas. Essa necessidade pode ser especialmente enfatizada quando se observa nos estudos, o tipo de expectativas e de idéias que tais alunos trazem ao ingressar no curso. (Cruz, 1998, p. 18)

Surgem abordagens diferenciadas, focos sobre os objetos de estudo, informações e relações. Abdalla (1998), também tem essa percepção e afirma realizar seu estudo com estudantes de 1º ano, caracterizando expectativas inclusive anteriores ao momento de iniciar o curso, estudantes do 3º ano caracterizando expectativas no decorrer do curso e estudantes do 5º ano de Psicologia, caracterizando expectativas de quem está prestes a entrar no mercado de trabalho, justificando essas escolhas por julgar nelas inseridas a apresentação de uma trajetória. Considera que as representações sociais, dentre elas as expectativas, são dinâmicas, que são alteradas com o passar do tempo e desenvolvimento do curso.

A academia influencia nas representações sociais dos estudantes em relação ao que poderão produzir e atuar após a formatura. Botomé e Rebelatto (1999) examinando as possibilidades de redefinição da atuação profissional em relação ao objeto de trabalho, ao conhecimento e ao ensino superior enfatizam, que o ensino superior não parece dedicar-se a corrigir a tendência predominante no exercício profissional, mesmo porque o currículo parece mais voltado ao ensino de técnicas e modelos de atuação profissional existentes do que ao desenvolvimento de alternativas de atuação profissional socialmente significativas. “Nem ao menos se dedica ao desenvolvimento de conhecimento sobre outras possibilidades de realização do exercício da profissão. Os cursos – pelo menos no que aparece nos planos e programas de ensino – não parecem sequer levar em conta uma bibliografia mais atualizada a respeito do trabalho em Saúde” (Botomé e Rebelatto, 1999, p. 219). Dessa forma, as possibilidades de alterações nas concepções do que deve ser a profissão não são, no ensino de graduação, aumentadas por conhecimento novo, nem por proposições de alternativas, nem por um currículo que exponha o aluno a oportunidades para desenvolver outras formas de atuação, mesmo que apenas como aprendizagem durante a formação (caso elas não se confirmem como possibilidades viáveis a curto prazo para o exercício profissional). De qualquer modo não é possível a Universidade eximir-se diante dos problemas existentes com o exercício profissional e da necessidade, cada vez maior, de descobrir e propor alternativas de atuação profissional socialmente relevantes.

Nessa perspectiva, a formação tem sido vista como ponto nevrálgico, apontada em estudos como a responsável por rumos que vem tomando a profissão. “Em geral, a formação é apontada como restrita a considerações teóricas, limitando-se ao preparo de profissionais para atuarem futuramente nas áreas tradicionais da Psicologia, clínica, organizacional e educacional, com franca predileção pela primeira”. (Cruz, 1998, p. 10). A influência da Universidade, a partir de seus profissionais, dos colegas, das matrizes curriculares e das

circunstâncias vivenciadas pelos estudantes, modificam as expectativas dos estudantes no decorrer da graduação. Essa consciência é fundamental para o desenvolvimento de atuações que podem levar o estudante ao conhecimento e a informações mais próximas de uma realidade com a qual o mesmo deverá lidar após sua formatura.

1.7 Expectativas como representações da imagem do próprio estudante e da profissão

O conceito de expectativa permite inferir que ela seja uma parte da imagem do próprio sujeito. Uma pré visualização de um evento futuro. Em sua dissertação de mestrado, que versa sobre percepções de psicólogos clínicos, a partir de depoimentos de estudantes de Psicologia, Silva (1984, p. 204) comenta que “o contato constante com alunos de Psicologia permite o conhecimento de suas percepções sobre onde, no que, para quem e com quem os psicólogos trabalham, deixando perceber o que consideram como atribuição desse profissional. Essas percepções são em parte consequência da imagem que os psicólogos tem de si mesmos e das imagens que apresentam, do modelo que fornecem através da sua atuação como profissionais e como docentes, das informações que apresentam aos alunos e dos currículos que definem o que deve constituir a formação desses profissionais de Psicologia”.

Essa também passa a ser uma razão importante para ampliar estudos sobre expectativas. Desse modo, é ampliado o conhecimento sobre a imagem que estudantes tem da profissão e de si mesmo. Expectativa é uma representação social que influencia na formação da identidade profissional. “As percepções e expectativas dos estudantes de Psicologia dirimirão pelo menos as primeiras tentativas de atuação profissional, revelando o que a escola lhes está apresentando”. (Silva, 1984, p 45). Essa afirmação conduz o raciocínio no sentido da importância das percepções dos estudantes, uma vez que as mesmas orientam ações, motivos, desejos, determinações e decisões em relação ao curso e ao exercício da profissão. É possível, segundo Bettoi e Simão (2000, p. 23), “estabelecer um conceito de profissional modelo de referência, que serve como guia para a reflexão do aluno sobre a profissão. Esse profissional referência é definido como um indivíduo que detém um conhecimento específico e sistemático e o aplica, como prestação de serviços a todas as camadas da população, sem distinção, a um maior número possível de pessoas dessa população, de forma a contribuir para a transformação do indivíduo e da sociedade”.

Nas reuniões anuais da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (na década de 80) e ainda hoje, nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Psicologia, é frequente a apresentação de trabalhos referentes à escolha profissional, a expectativas de estudantes em relação à profissão, a representações sociais, causas e conseqüências no contexto individual das pessoas. Lázaro, Oliveira e Marques (1986) estudando os motivos da escolha do curso de Psicologia, comparando as percepções iniciais às do término do curso, concluíram, que o aluno entra com um conceito de Psicologia como sendo um instrumento que serve para conhecer a si mesmo e ajudar os outros. Concluíram também que ocorre um alto nível de idealização do curso, com uma quase total ausência de preocupação propriamente profissional. Santos, Lisboa e Takahachi (1987) apresentam resultados de pesquisa sobre os motivos que levam à escolha do curso de Psicologia e as expectativas quanto à futura atuação profissional e concluem que essa escolha “parece se deve mais a um certo interesse ou curiosidade suscitados pelas disciplinas, ambos vagos, girando em torno sobretudo do desejo de conhecer a si mesmo e aos outros” (p. 221). Dobrianskyi (1988) apresenta resultado de pesquisa sobre as representações da Psicologia e o perfil do aluno e dos professores dos cursos de graduação de Curitiba e conclui que os alunos iniciantes e professores parecem entender a Psicologia como ciência e como estudo do comportamento e do psiquismo, mas poucos falam acerca dos seus objetivos. A mesma autora, ao pesquisar a identificação dos motivos que levaram à escolha do curso e expectativas em relação ao curso, concluiu parecer que a escolha do curso é devido a um interesse não específico ou ideal e o aluno muito interessado para aprender a entender as pessoas e a si mesmo. Dobrianskyi (1988) apresenta resultado de pesquisa sobre a percepção das áreas de atuação e expectativas em relação à futura atuação profissional e conclui que “os alunos pesquisados apresentam um conhecimento limitado acerca das inúmeras possibilidades de atuação do psicólogo e ingressam no curso com uma opção já definida” (p. 231).

Sanches (1999) apresenta resultado de pesquisa sobre motivos e expectativas de estudantes de Psicologia quanto à profissão e indica que os principais motivos e expectativas dos três grupos pesquisados foram o interesse pessoal e o desejo de conhecimento do ser humano, e que suas expectativas iniciais quanto à realização desse curso era que o mesmo proporcionaria uma melhor compreensão das pessoas. Informam ainda que a concepção que tinham da Psicologia quando da sua tomada de decisão era que deveria ser entendida como a ciência que estuda o comportamento humano. Quanto ao papel do Psicólogo os grupos mencionam ser o de um profissional que auxilia as pessoas na melhoria da qualidade de vida,

propiciando o alívio do sofrimento psíquico delas. Em relação à expectativa futura quanto à atuação profissional, a indecisão predomina, mas há destaque para a atuação na área clínica. Tais conclusões levam à percepção de representação que o estudante faz de si e da profissão, a partir das expectativas que desenvolve em relação ao que o curso pode significar para si, bem como para a futura atuação profissional.

Essa relação entre a percepção que o estudante tem de si e da profissão e as expectativas em relação à futura atuação profissional, tem sido objeto de pesquisas demonstradas nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Psicologia. Nos Resumos de Comunicação Científica da reunião ocorrida em Florianópolis no ano de 2002, é veiculada pesquisa realizada sobre a “relação entre as expectativas dos alunos e a formação”. Nela Moraes (2002, p. 286) conclui: “à época do ingresso dos alunos na graduação, a maioria dos entrevistados, cerca de 72,7%, apresentava como expectativa de maior relevância adquirir boa formação orientada, principalmente para o mercado de trabalho”.

1.8 Relações entre dinâmica social e campo de atuação profissional

A principal característica definidora do início desse século é o intenso e acelerado processo de transformação vivido pelas sociedades, independente dos profundos desníveis quanto ao grau de desenvolvimento sócio econômico. Alterações no contexto social, tecnológico, das relações, das instituições e nas comunicações, por exemplo, tornam a sociedade a todo momento diferente e cada vez mais exigente e, com isso, alteram também as necessidades sociais para as quais estão voltadas as possibilidades de atuação dos profissionais de todos os campos de atuação. A atual circunstância que passa o país é formada por complexas relações e significativas mudanças. Qual a demanda profissional nesse contexto? A afetividade flui com dificuldade nas relações hierarquizadas experimentadas pelos indivíduos nos seus ambientes, nas escolas, nas famílias, nos hospitais, nos meios de transporte, nas ruas e em outros lugares. As instituições esperam comportamentos que mantenham um equilíbrio e uma produtividade adequada à reprodução das relações sociais de produção. Se a saúde mental for considerada como um estado de bem-estar de sujeitos singulares, conquistado nas suas relações objetivas, quem demandaria a atuação do Psicólogo na sociedade? Numa retrospectiva da história da Psicologia Escolar, há percepção de que a

Psicologia nasce com uma demanda: a de prover conceitos e instrumentos de medida e de intervenção que garantam a adaptação dos indivíduos à ordem social. A sociedade tem exigido do psicólogo atuações que levem os indivíduos a um ajustamento social, para aumento da eficiência dos indivíduos e do sistema.

Sob essa perspectiva, Branco (1998), numa reflexão a respeito da formação profissional afirma que novas frentes de trabalho utilizando a Psicologia, como a luta antimanicomial, a participação dos psicólogos nas unidades de saúde, nos trabalhos sociais e comunitários e a assessoria a grupos populares, demonstram que novas possibilidades de atuação têm sido criadas, buscando responder a outros tipos de demanda anteriormente inexistentes. Bastos e Achcar (1994) examinando a perspectiva de integração entre a dinâmica profissional e a formação do psicólogo, fazem referência a alguns movimentos emergentes no exercício profissional sintetizando principais tendências de mudanças detectadas na prática profissional do psicólogo, encontradas em suas revisões bibliográficas, ilustrando como exemplo mudanças na concepção sobre o fenômeno psicológico, fatores de conhecimento que embasam a prática, natureza da intervenção, nível de intervenção, recursos técnicos, clientela, atitudes, entre outras.

Na medida que alteram as demandas tradicionais, o campo de atuação do psicólogo é ampliado, e o profissional necessita de uma visão de sistema, capacidade de refazer suas formas de intervenção e não simplesmente adaptá-las, permanecendo sem alterações. Um sistema que é modificado com tamanha velocidade e complexidade, e que trás alterações significativas dia após dia, dificulta a sedimentação de representação social de alunos, em relação às oportunidades de atuação no futuro exercício da profissão, que já estão configuradas em suas representações expressas nas expectativas.

1.9 Possibilidades de atuação no campo profissional em função do conhecimento sobre o objeto de intervenção

O conhecimento disponível na área da saúde já permite algumas considerações sobre a ampliação das possibilidades de atuação. O crescimento do conhecimento dessas possibilidades e o aumento da visibilidade sobre elas, provocam um proporcional crescimento

das expectativas e perspectivas em relação às possibilidades de atuação profissional. A formação de profissionais não parece se desenvolver nessa direção. Em primeiro lugar, porque é enfatizado, no ensino superior, o domínio de técnicas de trabalho já conhecidas e, como são muitas e exigem tempo para seu domínio, há uma tendência a “especializar” os profissionais ainda durante sua formação, e antes de saírem da Universidade. Dessa forma, eles aprendem a dominar aquelas técnicas que vão utilizar nas suas “especializações precoces” (em muitos cursos denominados de “habilitações”). “Uma das conseqüências disso, é existir cada vez mais profissionais dominando parte das técnicas para lidar com algumas das patologias mais frequentes, quando não, com algum aspecto dessas patologias ou com algumas técnicas para tratá-las. Outra decorrência é a permanência do debate sobre o falso conflito entre “formação técnica especializada” e “formação profissional generalista”, mantendo a atenção e esforço desviado do problema real e mais importante: a capacitação profissional para lidar adequadamente com os fenômenos”. (Botomé e Rebelatto, 1999, p. 258).

Botomé (1987), ao estudar alternativas de atuação profissional do psicólogo, propõem um roteiro orientador para uma sequência de atividades (que podem ser consideradas o programa básico de uma disciplina de graduação) auxiliares na identificação de alternativas de atuação profissional, voltadas ao atendimento das necessidades da população, na região em que vai ser desenvolvida a atuação desse profissional. As atividades propostas vão desde a identificação de problemas sociais até a proposição de alternativas de atuação profissional para análise, solução ou encaminhamento de cada um desses problemas. Esse trabalho (na verdade são “estratégias-programa” de desenvolvimento de disciplinas nos cursos de graduação) permitem uma inclusão imediata, em qualquer curso de unidades (disciplinas) de ensino que capacitam o estudante a orientar decisões de atuação em função de necessidades sociais. Uma disciplina na graduação que possa minimizar o problema de desconhecimento das várias áreas de atuação, que amplie o conhecimento sobre o objeto de intervenção e a visão do estudante referente ao futuro exercício da profissão pode atingir esses objetivos.

1.10 Abandono e expectativas frustradas como iniciação social no exercício profissional

O psicólogo que recebe seu diploma, após frequentar, no mínimo, cinco anos de aulas na Universidade, enfrenta segundo Branco (1998, p. 33) em suas reflexões sobre que profissional é necessário formar, “dispersão no campo do saber psicológico; fragmentação no processo de trabalho social realizado nas instituições, além de falta de recursos materiais; ilusão de uma pseudo-autonomia do profissional liberal, almejada pela maioria no sonho do consultório particular; competição acirrada entre os próprios psicólogos, na corrida por emprego e posições nas instituições que os demandam e que são escassas; demanda por uma função adaptativa, corretiva re-educadora que lhe exigirá clareza do seu papel como psicólogo, e quando não trabalha em consultório tem grande dificuldade em definir sua identidade profissional”. São várias as circunstâncias sociais e pessoais que poderiam servir de motivo para o abandono da idéia de uma atuação profissional.

Quando é tratado o problema do abandono da profissão pelos psicólogos, os números provocam reflexões muito instigantes, pois são muito elevados. O que acontece com grande parte dos alunos que tem formação em Psicologia e resolvem não exercer a profissão? Essas pessoas investem recursos financeiros e esforço pessoal em um curso que tem a duração de cinco anos e depois mudam o curso de seu projeto profissional. Comparando os dados entre formados e inscritos nos Conselhos Regionais, referentes ao período de 1962 a 1987, esses números possibilitam demonstrar que apenas metade dos formados em Psicologia requerem suas inscrições nos conselhos, “o que sugere uma intenção explícita de exercer a profissão” (Gomide, 1988, p. 71). Por não dispor de dados mais recentes o Conselho Federal de Psicologia faz uma projeção. Por haver hoje cerca de 70.000 psicólogos cadastrados, o cálculo indica que possa existir perto de 70.000 psicólogos formados que não são cadastrados nos Conselhos e que não exercem a profissão. O crescimento do número de pessoas que concluem o curso de Psicologia mas que não exercem a profissão é muito grande e não parece estar ligado à necessidade do mercado de trabalho, haja visto as análises sobre nível salarial, desemprego e subemprego.

As conseqüências de tal projeção e constatação são preocupantes, pois afetam tanto no sentido pessoal desses que concluem o curso e não exercem a profissão, com possíveis frustrações e culpas advindas de tamanho investimento sem a devida utilização do resultado do mesmo, como também a própria sociedade que perde a possibilidade de mais um profissional atuando. Perde a profissão pois tem mais um indivíduo com competência legal

para atuação, sem exercer essa atuação. Perde a Universidade pois tem também investimento de tempo, de recursos, e de dinheiro para a formação de uma pessoa que, após sua graduação, não dará retorno à sociedade. Nesse caso, perde também, pois essa sociedade arcou com parte desse investimento e não terá o retorno ou o serviço social desse psicólogo formado.

1.11 Relevância no estudo da expectativa em relação ao campo de atuação profissional

Botomé (1988) revela em seu artigo a respeito da busca de perspectivas para a Psicologia como área de conhecimento e como campo profissional, a importância da Psicologia ser constituída como objeto de estudo. “Uma profissão não existe no vácuo. Qualquer que seja essa profissão, ela é um conjunto de atividades de diferentes pessoas que dependem de ensino que, por sua vez, depende de conhecimentos de boa qualidade e de diferentes tipos. Dependem, inclusive, que a própria atividade profissional seja adequada e suficientemente estudada pelos cientistas e pelos que atuam ou vão atuar no campo profissional” (Botomé, 1988, p. 273). Nessas relações de interdependência há uma razoável quantidade de dados, concepções, conceitos e definições que precisam ser examinados e esclarecidos quando não for necessário, também, construí-los de forma melhor do que aquilo que se encontra disponível. A Psicologia como campo de atuação profissional, não foge à regra e, como tal, precisa constituir-se em objeto de estudo e de intervenção pelos que investigam o objeto a ela relacionado como também por aqueles que atuam no campo profissional homônimo, pelos que se preparam para fazê-lo ou por quem prepara os que vão exercer a profissão denominada por esse nome.

Apesar da ampliação do conhecimento em torno desses fenômenos, que pode ser observada por meio da literatura a esse respeito, ainda há lacunas e perspectivas para novas pesquisas, que levarão a novos conhecimentos, novas conclusões, e trazendo a possibilidade de crescimento da informação sobre os sujeitos que escolhem ser psicólogos. Ampliar os conhecimentos sobre as expectativas em relação ao exercício da profissão e conhecimentos sobre o próprio exercício profissional. “É necessário a existência de bons pesquisadores que produzam novos conhecimentos e sistematizem, organizem e integrem os conhecimentos já existentes quanto ao objeto de interesse. Apenas com conhecimento de bom nível disponível e acessível é possível desenvolver um campo de atuação profissional” (Botomé, 1988, p.

269). Mais do que considerar campo de atuação profissional e expectativas em relação a esse campo, como duas classes de eventos isolados ou independentes, é preciso examinar a atuação profissional em relação aos seus determinantes, e um desses determinantes é a expectativa em relação à possibilidade de atuação profissional. Em outras palavras, Bettoi e Simão (2000, p. 29) afirmam em reflexão sobre a ciência e a profissão de psicólogo que “não se trata apenas ou principalmente de esclarecer, mas de promover um confronto sistemático com as fantasias individuais e coletivas: antes de passar informações e instalar habilidades, parece necessário combater os equívocos e esperanças infundadas dos estudantes de Psicologia”.

Com resultados de estudos, deverão surgir novas informações e subsídios para as Universidades, que possibilitarão atuações mais adequadas e melhoria da qualidade do ensino nos cursos de formação de profissionais em Psicologia e, conseqüentemente, pessoas mais capacitadas para atuarem adequadamente em seu exercício da profissão, facilitando atingir objetivos pessoais, profissionais e sociais. Fica dessa forma demonstrada a relevância de progredir na produção do conhecimento, que responda o problema sobre quais expectativas dos estudantes de Psicologia, em relação ao futuro exercício da profissão? Essa representação social, presente desde o momento da escolha profissional, antes mesmo de ser um estudante de Psicologia, ao iniciar o curso, no decorrer do mesmo, ao seu final, em fases onde já faz os estágios curriculares nas diversas áreas de atuação, e logo após formado, ao enfrentar o mercado de trabalho, até vislumbrar todas as possibilidades de atuação como profissional. Essa representação o acompanha, e por ser dinâmica sofre modificações, conforme circunstâncias do meio. Fundamentalmente na academia. E alterando as expectativas, modificam a imagem que o estudante tem de si enquanto futuro profissional de Psicologia, até a imagem que tem da própria profissão podendo atingir até aos novos rumos da profissão de psicólogo.

2

MÉTODO**2.1 Sujeitos**

Participaram como sujeitos, os estudantes de Psicologia, do período matutino, de uma Universidade do Estado de Santa Catarina, privada, que faz parte do sistema fundacional, distribuídos nas diversas fases que compõem o curso (1ª, 3ª, 5ª, 7ª e 9ª), no primeiro semestre do ano letivo, que estavam presentes na sala de aula no momento da aplicação do questionário, num total de 117 sujeitos. Este curso de Psicologia funciona desde 1999, que disponibiliza 50 vagas por entrada anual para o curso.

Os sujeitos que participaram da coleta de dados possuem as seguintes características: Em relação ao sexo 12,8% dos sujeitos são do sexo masculino e 87,2% da amostra são do sexo feminino. As faixas etárias estão divididas em 32,5% de sujeitos entre 17 e 20 anos, 41,0% entre 21 a 25 anos, 7,7% da amostra tem idades entre 26 a 30 anos, 7,7% entre 31 a 35 anos e 11,1% dos sujeitos têm mais de 35 anos. Em relação ao estado civil os sujeitos são divididos em 66,7% de solteiros, 27,3% de casados, 3,4% são divorciados, 2,6% amasiados não havendo viúvos entre os sujeitos. Com relação à escolha do curso para o qual prestaram vestibular, 89,7% dos sujeitos fizeram processo seletivo para o curso de Psicologia e 10,3% fizeram vestibular para outros cursos fazendo suas transferências para o curso de Psicologia posteriormente. 89,7% dos sujeitos fizeram vestibular na Universidade onde foi efetuada a pesquisa, 10,3% realizaram vestibular em outras Universidades, sendo transferidos posteriormente.

2.2 Situação e ambiente

A aplicação dos questionários utilizados na coleta de dados ocorreu nas salas onde os alunos têm suas aulas, num dos horários cedidos por algum professor, e na ausência do mesmo. Amplas, iluminadas, bem ventiladas, com carteiras de madeira e tampo de fórmica e cadeiras estofadas que compõem o conjunto escolar. O pesquisador estava presente e realizou a aplicação do questionário, ocasião em que ficou à disposição dos sujeitos para dirimir eventuais dúvidas.

2.3 Equipamento e material

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário (Apêndice 1), composto de quatro questões fechadas para caracterização dos sujeitos, e que buscavam esclarecer a condição de matrícula do estudante junto à Universidade e 14 questões abertas pertinentes ao fenômeno pesquisado, com espaço pautado para a redação de cada resposta.

2.4 Procedimentos

De escolha dos sujeitos

Foram escolhidos como sujeitos todos os alunos do curso de Psicologia, de uma Instituição de ensino do sistema fundacional de Santa Catarina, matriculados nas respectivas fases do primeiro semestre letivo (1^a, 3^a, 5^a, 7^a e 9^a fase), cujos nomes constavam nos livros de chamada, e que estavam presentes na sala de aula no momento da aplicação do questionário.

De elaboração do instrumento de coleta de dados

A partir do problema de pesquisa analisado e desdobrado foi possível melhor visualizar as variáveis que compunham o problema. A análise das variáveis envolvidas nos fenômenos presentes no problema de pesquisa (Tabela 2.1) permitiu combinações feitas de forma a especificar o que precisava ser observado para responder ao problema de pesquisa. A partir desses elementos foram elaboradas as perguntas referentes ao fenômeno pesquisado, que compuseram o instrumento de coleta de dados.

De contato com a instituição e para obter autorização da mesma

A instituição foi escolhida em função da facilidade de contato do pesquisador com os dirigentes e com os sujeitos para a coleta de dados. Foi agendado encontro com o Diretor Acadêmico da Instituição de Ensino Superior para que houvesse uma conversa sobre a pesquisa planejada. Durante essa conversa foi solicitada autorização de forma verbal pelo pesquisador à Direção Acadêmica. Uma vez autorizado pela direção e com anuência da Coordenação do Curso de Psicologia ficou determinado que durante uma aula, num momento de ausência, ou em período cedido por algum professor, seriam aplicados os questionários aos alunos.

Tabela 2.1
Análise das variáveis do problema de pesquisa: Quais as expectativas dos estudantes de Psicologia em relação ao futuro exercício profissional?

Conjunto de variáveis	Variáveis
Expectativa	Espera que aconteça Gostaria que acontecesse Teme que aconteça Imagina que aconteça Deseja que aconteça Precisa que aconteça Trabalha para que aconteça
Campo de atuação profissional	Tipos de fenômenos com que vai lidar Tipos de contribuições à sociedade Tipos de problemas que vai enfrentar Tipos de pessoas com as quais vai lidar Tipo de oportunidades que surgirão Locais de trabalho Instituições nas quais irá trabalhar Faixas salariais que irá atingir Posição social que irá atingir Preparação para o exercício Exigências para o exercício Planos a curto, médio e longo prazo. Relações pessoais que serão estabelecidas Impedimentos, dificuldades, obstáculos

De contato com os sujeitos

Nos períodos cedidos pela instituição para realização da coleta de dados em cada turma, antes da distribuição do questionário, o pesquisador comunicou aos alunos os motivos da aplicação. Fez a distribuição do instrumento de coleta de dados e convidou os sujeitos para que os respondesse. Esclareceu que o questionário deveria ser respondido de forma individual, espontânea e não obrigatória. Forneceu de forma oral as explicações necessárias para o preenchimento do mesmo, colocando-se à disposição para dirimir eventuais dúvidas.

De coleta de dados

A coleta de dados foi realizada pelo próprio pesquisador que estava à disposição no momento da aplicação para prestar esclarecimentos. Os questionários foram respondidos pelos estudantes de Psicologia, presentes em sala de aula, na ausência do professor daquele horário, em período cedido para essa finalidade. Os próprios sujeitos fizeram os registros, em forma de resposta a cada questão do instrumento de coleta de dados, assim que receberam as instruções de como fazê-lo. Os estudantes que não desejassem responder ao questionário poderiam entregá-lo em branco, o que não aconteceu.

O tempo para o preenchimento das respostas foi de aproximadamente quarenta e cinco minutos. Ao término do preenchimento por parte de cada sujeito, o pesquisador recolheu os questionários. Após todos recolhidos, fez os agradecimentos pela colaboração com a pesquisa e estabeleceu o compromisso de socialização dos resultados após conclusão da mesma. Os questionários foram separados em envelopes distintos e nesses marcados horário, data e turma onde foi aplicado.

3

INFORMAÇÕES E INFLUÊNCIAS PARA A DECISÃO DE FAZER O CURSO DE PSICOLOGIA COMO FORMAÇÃO PARA O FUTURO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Em qualquer circunstância da vida, para que uma decisão seja tomada com uma probabilidade mínima de acerto, ela deve estar apoiada por informações de boa qualidade. Uma decisão sem informação sobre o que alguém pretende decidir aumenta as possibilidades de erro na decisão. Há na literatura sobre orientação profissional referência sobre esse processo, em tentativas de sistematização do pensamento para tomar uma decisão (processo decisório). Mello (2002 p.15) sobre a escolha da profissão afirma que “as informações ocupacionais de que disponha – e que consiga assimilar – serão o mapa do terreno por onde vai caminhar com os olhos postos no futuro de curto médio e longo prazos”. A percepção de problemas, a explicitação dos mesmos, a formulação de hipóteses ou perguntas, a avaliação dessas hipóteses e perguntas, a priorização delas, a delimitação e avaliação de alternativas em relação a sua adequação à solução do problema e sua viabilidade, a escolha e teste ou experimentação de uma das alternativas são comportamentos que fazem parte desse processo, aumentam as possibilidades de acerto nas decisões tomadas. A maior percepção de todo o processo, a partir de informações de boa qualidade, facilita tomar uma decisão e aumenta a probabilidade de seu acerto.

Estudantes de nível superior ou candidatos a cursos de graduação escolhem seus cursos com base em que tipos de informação? Qual a qualidade das informações que utilizam para fundamentar ou orientar sua escolha de um curso para o preparo para uma profissão? Qual a percepção que tem sobre a natureza e qualidade do processo que precisam realizar para tomar uma decisão em relação a essa escolha? Do tipo e da qualidade das informações que utilizam para tomar a decisão de qual curso é mais apropriado para ajudá-los a estruturar a própria vida em torno de um projeto de vida profissional depende, mais do que suas vidas pessoais, o tipo e a qualidade dos serviços que exigem formação superior que ficarão disponíveis para a sociedade usufruir. Nessa perspectiva, o tipo de informação utilizado pelos estudantes para escolher seus cursos de graduação é um conhecimento importante para orientar qualquer tipo de trabalho que vise otimizar a escolha dos cursos feita pelos estudantes e a qualidade de seus projetos de vida profissional a partir da formação que esses cursos oferecem.

3.1 As informações e fontes que orientam a escolha do curso de Psicologia

Sendo a informação a base necessária para qualquer tipo de decisão, é necessário que, para melhor compreender a escolha de um curso superior, sejam antes, compreendidas as informações que o sujeito tinha sobre o curso antes da decisão. Na Tabela 3.1 pode ser observado o percentual de sujeitos que tinham e de que não tinham informação sobre o curso de Psicologia antes de iniciá-lo. É possível observar que conjunto das fases do curso, 81% dos estudantes de Psicologia declaram que tinham informação a respeito do curso antes do início do mesmo e 19% dos estudantes respondem que não tinham informações sobre o curso de Psicologia antes de iniciá-lo. Na última fase 25% dos alunos respondem que não tinham informação sobre o curso antes do início e na 1ª fase (a última que entrou na Universidade) 4% dos alunos respondem que não tinham informação sobre o curso antes de começar.

Tabela 3.1
Distribuição de ocorrências e percentuais de respostas sobre a obtenção de informações a respeito do curso de Psicologia antes de iniciá-lo por fase do curso e no conjunto

Fase Resp.	Ocorrência						Percentual					
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	Conjunto	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	Conjunto
Sim	24	11	27	24	9	95	96	61	84	80	75	81
Não	1	7	5	6	3	22	4	39	16	20	25	19

Na primeira fase 96% dos alunos respondem que tinham informação sobre o curso antes de iniciá-lo. Na terceira fase 61% dos alunos respondem já ter informação sobre o curso antes do início do mesmo. Os alunos da 5ª fase respondem em 84% já possuir informação, na 7ª fase 80% das respostas indicam que os sujeitos tinham informação sobre o curso antes do início e na 9ª fase 75% dos alunos respondem que já tinham informações sobre o curso de Psicologia antes de iniciá-lo. Esses percentuais revelam uma tendência de aumento na obtenção de informações sobre o curso antes do começo do mesmo, na medida em que mais fases adentram à Universidade. Essa tendência fica melhor evidenciada na Figura 3.1.

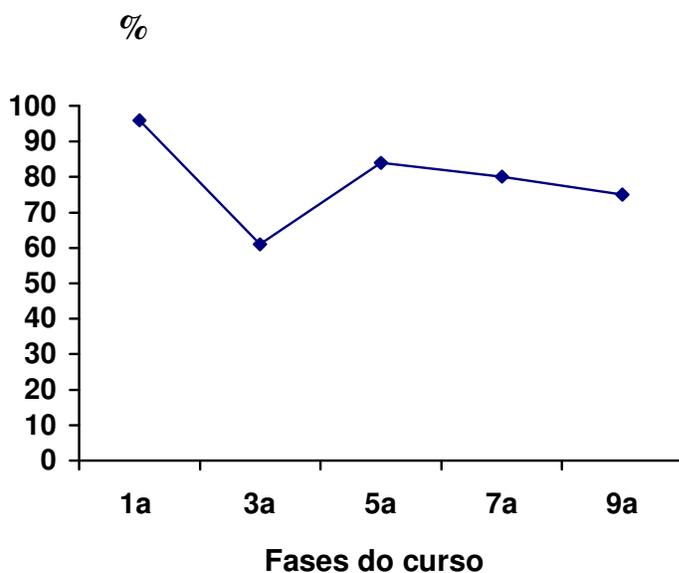


Figura 3.1- Distribuição dos percentuais de respostas dos sujeitos a respeito de ter informações sobre o curso, antes de iniciá-lo, ao longo das fases do curso de Psicologia

Para que haja uma maior visibilidade das informações sobre o curso que os estudantes tinham antes de iniciar o curso de Psicologia, é importante que sejam reveladas as fontes dessas informações. De onde são originadas as informações sobre o curso de Psicologia que os sujeitos obtiveram antes de iniciá-lo? A Tabela 3.2 mostra as respostas dos sujeitos que indicam as fontes de informação para os alunos sobre o curso de Psicologia antes do seu início.

A Tabela 3.2 está dividida em quatro blocos de categorias. O primeiro bloco é composto dos meios de comunicação de massa, o segundo bloco é formado por eventos e circunstâncias em que o próprio indivíduo faz a busca da informação. O bloco de número três é composto por pessoas que deram informações sobre o curso e o quarto bloco de categorias por situações mais direcionadas a uma orientação na escolha da profissão.

Os dados mostram que pessoas são citadas como fonte de informação por 42,7% dos sujeitos e 34,2% dos sujeitos indicam meios de comunicação como fonte de informação sobre o curso. No conjunto de respostas 2,1% dos sujeitos indicam terem obtido informação sobre o

curso de Psicologia a partir de uma atividade mais voltada a um direcionamento de orientação profissional.

No conjunto de respostas das cinco fases, 17,6% dos sujeitos respondem ser as revistas a fonte de informação sobre o curso de Psicologia e 16,5% dos sujeitos indicam os livros. Psicólogos aparecem como a terceira fonte de informação sobre o curso de Psicologia com 13,3% das indicações no conjunto de respostas das cinco fases. A televisão é citada como fonte sobre o curso por 10,7% dos sujeitos. Professores são indicados por 10,2% dos sujeitos e a Universidade aparece no conjunto de respostas das cinco turmas com 0,3% das indicações como fonte de informação.

Tabela 3.2
Distribuição de percentuais das citações de fontes de informação sobre o curso antes de iniciá-lo pelas várias fases do curso e no conjunto

Fontes	F a s e s					Conjunto
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	
Revistas	16,2	16,0	19,7	16,4	24,1	17,6
TV	6,5	9,1	11,3	11,3	24,1	10,7
Jornais	5,3	6,8	7,4	5,1	3,3	5,9
Livros	16,2	16,0	15,9	18,4	17,3	16,5
Internet	5,3	2,3	3,7	3,0	6,6	4,0
Eventos	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5
Psicólogos	13,0	18,2	13,1	13,3	10,7	13,3
Professores	8,7	6,8	11,3	13,3	7,3	10,2
Amigos	8,7	9,0	6,5	8,1	0,0	7,2
Familiares	7,5	6,8	6,5	5,1	3,3	6,4
Colegas	8,6	6,8	4,6	4,0	3,3	5,6
Tarefa escolar	1,0	2,2	0,0	1,0	0,0	1,5
Universidade	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3
Testes OV	0,0	0,0	0,0	1,0	0,0	0,3

3.2 Três grandes tipos de influências na escolha do curso de Psicologia como formação profissional.

Uma decisão antes de ser tomada, em qualquer circunstância da vida é influenciada por diversos fatores. Na decisão de realizar um curso superior existem diversos tipos de influências sobre o indivíduo que necessita tomar essa decisão. Os dados mostram que os estudantes foram influenciados na decisão de fazer o curso de Psicologia, conduzidos por fatores que podem ser distribuídos em três tipos de influências. A Figura 3.2 mostra o percentual de respostas de três grandes tipos de influência na escolha de realização de Psicologia como curso de graduação.

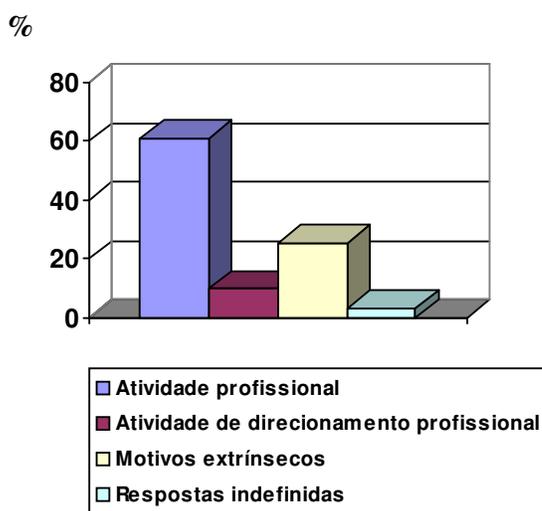


Figura 3.2 – Percentual de respostas indicando o que levou o aluno a fazer o curso de Psicologia por categoria de respostas

A Figura 3.2 mostra três blocos de categorias de respostas compostos por tipos de influência recebida pelos estudantes de Psicologia para a decisão de realizar o curso antes de iniciá-lo. O primeiro bloco de categorias é referente aos motivos vinculados ao objeto de estudo e tipos de atuação relacionados à Psicologia. O segundo bloco de categorias está vinculado a atividades relacionadas a um encaminhamento mais direto à escolha da profissão. O terceiro bloco de categorias refere-se a motivos extrínsecos à profissão (oportunidades e facilidades) para realização do curso na instituição pesquisada. Além dos três blocos há um

quarto bloco de categorias formado por respostas que não definem a influência recebida para a tomada de decisão e por sujeitos que não responderam.

Esses blocos de categorias de respostas foram elaborados a partir das assertivas dos sujeitos a respeito do que o levou a fazer o curso de Psicologia. A Tabela 3.3 mostra a distribuição do percentual de respostas que indicam o que levou o estudante a realizar o curso.

Tabela 3.3
Distribuição de percentuais de respostas que indicam o que levou o estudante de Psicologia a realizar o curso, por fases do curso e no conjunto

Influências	F a s e s					Conjunto
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	
Atuar / entender pessoas	27.0	24.0	24.4	19.5	27.7	24.0
Interesse pela atividade	29.7	16.0	14.6	26.8	22.2	22.2
Auto desenvolvimento	5.4	4.0	2.4	0.0	0.0	2.5
Possibilidades de trabalho	5.4	0.0	7.3	0.0	0.0	3.0
Patologia própria / família	8.1	8.0	0.0	2.4	5.5	4.3
Família	0.0	4.0	2.4	7.3	0.0	3.1
Pessoas da área	5.4	0.0	4.8	0.0	0.0	2.5
Pesquisas	0.0	4.0	0.0	4.9	0.0	1.8
Livros	2.7	8.0	4.9	4.9	0.0	4.3
Teste Vocacional	0.0	0.0	2.4	2.4	5.5	1.8
Palestras	2.7	0.0	2.4	2.4	0.0	1.8
Facilidade	1.1	8.0	12.2	24.4	33.3	16.6
Segunda opção	2.7	8.0	12.2	4.8	5.5	6.8
Status	0.0	0.0	4.8	0.0	0.0	1.2
Idealismo	0.0	4.0	0.0	0.0	0.0	0.6
Não respondeu	0.0	4.0	0.0	0.0	0.0	0.6
Respostas indefinidas	0.0	8.0	4.8	0.0	0.0	2.4

A Tabela 3.3 está dividida em quatro blocos de categorias referentes a influências recebidas para a decisão de fazer o curso de Psicologia conforme as respostas dos sujeitos. O primeiro bloco de categorias refere-se a respostas dos sujeitos que revelam motivos ligados aos fenômenos e tipos de atuação ligados à Psicologia. O segundo bloco de categorias é composto de respostas vinculadas à atividades relacionadas a um encaminhamento mais

direto à escolha da profissão. O terceiro bloco de categorias é referente a respostas vinculadas a motivos extrínsecos à profissão, ligadas à oportunidade e facilidade para realização do curso na instituição pesquisada.

No conjunto de respostas de todas as fases, indicaram no primeiro bloco de categorias, 61,6% dos sujeitos ter escolhido o curso de Psicologia, levados por interesses vinculados aos fenômenos e tipo de atuação em Psicologia. Lidar ou entender pessoas (24,0%) e o interesse pela atividade de psicólogo (22,2%) levaram a 46,2 % dos alunos a fazer o curso de Psicologia.

No terceiro bloco de categoria 25,2% dos sujeitos indicam que fizeram o curso de Psicologia, levados pela facilidade que a Universidade oferecia, seja pela distância e facilidade para o deslocamento, seja pelo horário das aulas, por ser da mesma cidade onde o aluno mora, por ser sua segunda opção, por dar “status” e por idealismo.

O segundo bloco de categorias, composto por atividades relacionadas a um encaminhamento para a escolha da profissão (livros palestras, testes vocacionais), influenciaram a 9,7% dos sujeitos para a escolha de Psicologia como curso superior. 3% dos sujeitos não responderam ou suas respostas não definem o que os influenciou a realizar o curso de Psicologia. Os dados mostram que há uma diminuição de respostas que indicam o teste vocacional como o motivo que levou a fazer o curso de Psicologia.

Vinte e quatro por cento dos sujeitos responderam que o que influenciou a decisão de fazer o curso de Psicologia foi que nessa profissão iriam lidar ou entender pessoas. 22,2% dos sujeitos responderam ter sido influenciado a escolher o curso de Psicologia em função do interesse pela atividade do psicólogo. 16,6% indicam ter sua opção por Psicologia pois de alguma forma (localização, horário das aulas) a Universidade onde foi realizada a pesquisa seria um fator facilitador. 6,8% dos sujeitos responderam ter sido o curso de Psicologia a sua segunda opção e 4,3% dos sujeitos responderam ter sido influenciado pelo contato com a Psicologia em função de uma patologia ou de problema seu ou de alguém de sua família.

Há uma diminuição de respostas, na medida em que as fases entram para a Universidade, que indicam ter escolhido o curso de Psicologia apenas pelas facilidades (motivos extrínsecos ao curso) oferecidas por essa. Essa tendência de respostas fica melhor visualizada na figura 3.3.

Na 9ª fase 33,3% dos sujeitos indicam facilidades como o motivo da decisão de fazer o curso de Psicologia, na sétima fase 24,4% dos sujeitos indicam esses motivo, na quinta fase 12,2% dos alunos indicam facilidade como o motivo para a decisão de realizar o curso. Os alunos da terceira fase indicam motivos extrínsecos ao curso (facilidades) em 8,0% das

respostas e 1,1% das respostas dos alunos da primeira fase indicam esse motivo para a sua decisão de cursar Psicologia.

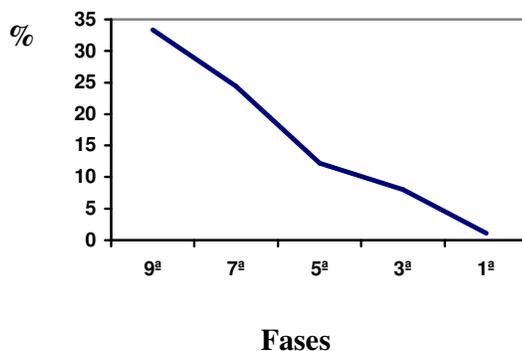


Figura 3.3 – Distribuição de percentual de respostas dos sujeitos que indicam as facilidades que a Universidade oferece como motivo para a escolha de fazer Psicologia (respostas extrínsecas ao curso)

3.3 A influência das informações

Observando os dados referentes às informações sobre o curso de Psicologia antes de iniciá-lo é possível verificar que 19% do total dos estudantes pesquisados informam que não tinham informações sobre o curso de Psicologia antes de iniciá-lo. Essa falta de informação é ainda maior nas primeiras turmas que entraram para a Universidade. Os alunos que cursam a 9ª fase indicam em suas respostas que 25% dos sujeitos não tinham informação sobre o curso antes de iniciá-lo. Uma decisão sem informação sobre o que está sendo decidido tem uma probabilidade de erro acentuada. Erro na decisão é o que pode acontecer quando um sujeito resolve fazer um curso superior sem ter informações sobre esse curso. E um erro na decisão sobre o curso superior pode trazer como decorrência frustração e abandono, trazendo ônus para o indivíduo, para a instituição de ensino e em última instância para a própria sociedade.

Ainda em relação às informações dos sujeitos sobre o curso antes de iniciá-lo, os dados revelam uma tendência de aumento de informação na medida em que mais fases vão adentrando para a Universidade. 75% dos alunos da nona fase do curso respondem que tinham informação sobre o curso antes de iniciá-lo. Na sétima fase 80% das respostas dos alunos indicam que tinham informações sobre o curso, enquanto que na 5ª fase 84% dos estudantes respondem que tinham essa informação. Os alunos da terceira fase indicam em 61% das respostas afirmam que estavam informados sobre o curso antes de iniciá-lo e na

primeira fase (última a entrar para a Universidade) 96% dos estudantes respondem que tinham informação sobre o curso de Psicologia.

Há uma possibilidade de que o aumento de informação sobre o curso de Psicologia seja em função da criação do próprio curso. O curso de Psicologia na instituição onde ocorreu a pesquisa tem seis anos de funcionamento. Antes do início do funcionamento do curso na região, pouco se falava de Psicologia. Com o advento do curso, mais pessoas passaram a prestar atenção à essa área do conhecimento na região, e houve mais produção de informação sobre o curso, aumentando e tornando mais acessíveis as informações àqueles que desejam cursar Psicologia. Alunos do curso passaram a desenvolver trabalhos de estágio extracurriculares, estágios curriculares supervisionados, participaram de palestras, apresentaram trabalhos, pesquisas e tarefas escolares envolvendo a comunidade. Isso acabou de certa forma ampliando as informações para a população da região sobre a Psicologia como área do conhecimento e como campo de atuação. Essa informação passou a atingir também àqueles que estão no processo de decisão a respeito do curso que pretendem fazer no nível superior da educação.

A posse desse conhecimento fornece às Instituições de Ensino Superior uma informação preciosa. A participação dos estudantes com atuações na comunidade, não apenas supre uma necessidade social e promove o cumprimento de um dos objetivos da própria Universidade como também aumenta a visibilidade do curso e promove a possibilidade de mais pessoas obterem informações sobre ele, para que possam decidir com mais precisão sobre realizá-lo como formação para futura atuação profissional.

Um outro aspecto importante que os dados revelam a respeito das informações sobre o curso de Psicologia antes da decisão de cursá-lo, são as fontes dessas informações. Os dados mostram que o bloco de categorias mais citado como fonte de informação pelos estudantes de Psicologia, com 42,7% das indicações, foi o bloco composto por pessoas que, de uma forma ou de outra, apresentaram comentários ou emitiram opiniões sobre o curso. É possível que as informações oriundas diretamente das pessoas sejam mais significativas, surtam mais impacto, sejam tomadas como mais relevantes do que as informações obtidas pelos meios de comunicação de massa. Os meios de comunicação de massa, representados por jornais, por revistas e pela televisão aparecem como o segundo bloco de categoria com 34,2% de respostas.

Entre as pessoas que foram fontes de informação sobre o curso de Psicologia, os psicólogos aparecem nos dados como a primeira referência como fonte de informação com 13,3% de respostas indicadas. Profissionais da área certamente possuem informações que

seriam importantes para alguém que está decidindo sobre a profissão que tentará seguir no futuro. Poucas pessoas antes de entrar para um curso superior têm facilidade de contato com profissionais que atuam na área do curso de interesse.

É possível inferir também que essa dificuldade ocorra em função de que os profissionais da Psicologia também não buscam o contato com os estudantes do ensino médio para prestar esclarecimentos sobre a profissão. Fundamentalmente esses profissionais que estão envolvidos diretamente com o curso de Psicologia. Esse comportamento poderia municiar estudantes de mais conhecimento e informação sobre o curso e a profissão antes mesmo de entrar na Universidade o que provavelmente diminuiria os níveis de descontentamento, abandono e frustração durante o curso.

Professores com os quais alunos tiveram contato enquanto cursavam o ensino fundamental e médio aparecem com 10,2% das indicações de sujeitos como fonte de informação sobre o curso de Psicologia. Em contato diário com os alunos no ensino médio, os professores são fontes de informação a respeito dos cursos superiores. Há escolas do ensino médio que são especializadas em preparar alunos para passarem nos vestibulares, e são portadores de informações sobre os cursos, sobre as Universidades e sobre as profissões. Essa tentativa tenta suprir uma lacuna deixada pelos profissionais de Psicologia, que tem em seu campo de atuação um trabalho específico, uma atividade, que prevê a informação e orientação aos estudantes que estão decidindo sobre sua formação profissional, a Orientação Vocacional. Essa aparece como fonte de informação em apenas 0,3% das respostas dos sujeitos.

Entre os meios de comunicação, as revistas recebem o maior percentual de indicações (17,6%) como fonte de informação sobre o curso de Psicologia. Algumas publicações são especializadas nesse tipo de informação e as trazem de forma simples, dinâmica e agradável àqueles que buscam esse tipo de informação. Compilando um número expressivo de informações a respeito dos cursos, como as disciplinas que são ministradas, as exigências, as tendências de mercado, a remuneração do profissional e outras informações, passam a ser uma opção de certa forma barata e de fácil acesso, que chamam a atenção daqueles que estão em busca dessas informações para a decisão sobre a profissão. Outras publicações que trazem informações diversas, também se propõem, as vezes, a trazer alguma informação sobre cursos superiores e profissões. Apesar de que essas informações mereçam uma crítica mais apurada, por trazerem informações falsas, fantasiosas, indutivas e que muitas vezes obedecem a interesses diferentes de apenas informar. Essas publicações, com todos esses problemas,

passam a ser consideradas fontes de informação para a decisão a respeito do curso superior que as pessoas pretendem realizar, como formação para o futuro exercício profissional.

A televisão aparece como a segunda fonte de informação mais indicada nesse bloco (10,7%), e a quarta opção no total. Também é importante uma análise mais aprofundada do dado de que a TV é fonte de informação para a decisão sobre o curso superior que os estudantes pretendem cursar. Nem sempre essa informação é oriunda de programação específica para o esclarecimento sobre atuações profissionais. Algumas vezes essa informação é originada por personagens de novela ou filme que nem sempre são fieis à realidade por se tratar de caricatura exagerada, não compreendida como tal, por aqueles que estão decidindo sobre sua formação profissional.

Os dados mostram uma tendência ao decréscimo no considerar a TV como fonte de informação na decisão sobre o curso superior a realizar. Alunos da 9ª fase apresentam 24,1% de indicações da TV como fonte de informação sobre o curso. 11,3%, 11,3% e 9,1% são os percentuais de respostas respectivamente dos alunos da 7ª, da 5ª e da 3ª fase de Psicologia e na primeira fase os estudantes apresentaram 6,5% de indicações da TV como fonte de informação sobre o curso ou a profissão.

Esse fenômeno é possível de ser compreendido a partir do surgimento de outras fontes como os dados mostram. A Internet, os eventos escolares como feiras de profissões e os livros compõem outro bloco de fontes de informação a respeito do curso de Psicologia. Esse bloco é composto por situações nas quais o sujeito vai em busca da informação. Os livros, fonte clássica de informação, são indicados como resposta de 16,5% dos sujeitos. É entre todas, a segunda opção mais indicada pelos sujeitos. A rede interligada de computadores recebe 4,0% do total das indicações enquanto que eventos relacionados com informação sobre cursos superiores, como por exemplo, uma feira de profissões onde alunos dos cursos da Universidade fazem demonstração de informações sobre o curso e as profissões, aparece como resposta apenas na primeira fase, última a adentrar no ensino superior. É possível que esse fenômeno esteja ocorrendo, em função de que antes dessas fases entrarem para a Universidade não ocorriam eventos com essa intenção. A partir da ampliação dessa Universidade e da instalação de novos cursos, começam a surgir, apesar de timidamente, eventos que municiam as pessoas de informações para a decisão a respeito do curso superior que pretendem realizar.

A própria Universidade, aparece como fonte de informação apenas na primeira fase, última que adentrou ao nível superior com 1% das indicações nessa fase. Pouco para a instituição que deveria primar por divulgar e informar os interessados nos serviços prestados

por ela mesma. A Universidade não divulga o seu potencial de formação de serviços. Agindo assim, não influencia na decisão daqueles que tem a expectativa de graduação superior.

Como é possível observar, a decisão de realizar um curso superior muitas vezes é tomada sem informações precisas sobre os cursos. Dessa forma, pessoas estão investindo tempo, dinheiro e energia em atividade de estudo em uma Universidade que não sabe se poderá suprir as expectativas desses sujeitos. Mesmo porque algumas delas são criadas a partir de informações parciais, tendenciosas, não seguras e não originadas por fontes que tem a necessidade e obrigação, pela própria atividade, de originá-las. É importante e necessário que isso ocorra de forma consciente, precisa. Fundamental, para municiar àqueles que estão num processo decisório a respeito de que curso superior irão realizar na busca da formação para o futuro exercício profissional.

Os dados que mostram o que levou os estudantes de Psicologia a realizar o curso são relevantes e confirmam dados disponíveis na literatura a esse respeito. A disposição do psicólogo de criar relações com o outro, de fazer do exercício profissional uma oportunidade de relacionamento, parece ser uma expectativa dominante que emerge dos dados. Atuar com pessoas ou entender pessoas tem 24,0% das respostas dos sujeitos como motivo de escolha do curso. Esta dominância se evidencia e é confirmada em estudo idêntico, realizado pelo Conselho Federal de Psicologia e divulgado na obra “Quem é o psicólogo brasileiro?”, que mostra que em relação aos motivos dos sujeitos para optarem pelo curso de Psicologia chegam a 38,4% o “interesse por conhecer o ser humano” e “gostar do ser humano”.

Os dados indicam que o interesse pela atividade do Psicólogo leva 22,2% dos sujeitos a escolherem Psicologia como o curso superior a realizar. A soma dos percentuais das expectativas de lidar e entender pessoas e o interesse pela atividade do psicólogo levam a 46,2% dos sujeitos a escolherem o curso de Psicologia. A atração que a Psicologia exerce, a partir de seu objeto de estudo e intervenção, também fica evidenciada nos estudos realizados pelo Conselho Federal de Psicologia. Ali são categorizados os motivos “voltados para a profissão” e que tem 50,7% de respostas dos sujeitos que indicam estar nessa categoria de respostas o motivo de sua escolha pelo curso de Psicologia.

Há um motivo para que as pessoas escolham realizar o curso de Psicologia que está relacionado a auto referência. São levados pela tentativa de amenizar problema reconhecido em si ou em pessoas de seu vínculo afetivo. 4,3% dos sujeitos respondem ter sido levados a realizar um curso superior de Psicologia, com todos os ônus, custos e sacrifícios em função de suas próprias dificuldades e patologias (em causa própria) ou em função de vivenciarem ou terem vivenciado as dificuldades e patologias das pessoas de seu convívio (amigos ou

familiares). O que foi descoberto confirma a afirmação de que “não é raro se ouvir das pessoas em geral, que os que procuram a profissão de psicólogo são pessoas problemáticas, desajustadas e que vêem no curso a possibilidade de compreensão e solução de seus problemas” da obra Quem é o psicólogo brasileiro? do Conselho Federal de Psicologia concorrendo para perpetuar esse preconceito.

Um contingente considerável de sujeitos (25,2%) indicam ter escolhido o curso de Psicologia levados por motivos extrínsecos à profissão. Algum tipo de facilidade que a Universidade oferecia (localização, horário de aula, possibilidade de passar no vestibular) (16,6%), segunda opção (6,8%), “status” (1,2%) e idealismo (0,6%) são considerados como motivos para a escolha do curso de Psicologia como formação para o exercício da profissão.

Com o crescimento da Universidade onde foi realizada a pesquisa, e o surgimento de novos cursos, inclusive na área da saúde, como o de Fisioterapia e Enfermagem, oferecidos posteriormente a abertura do curso de Psicologia, as opções para os que pretendem realizar curso superior passaram a ser maiores e mais diversificadas. Expectativas de lidar, ajudar e conhecer o ser humano podem também ser supridas com esses cursos. A possibilidade de cursá-los, e não sendo Psicologia o único curso a oferecer essa possibilidade, faz com que haja uma diminuição de motivos extrínsecos à profissão.

É possível visualizar a partir dos dados que atividades que direcionam os indivíduos para decisão sobre cursos superiores (pesquisas, livros, testes vocacionais e palestras) tiveram apenas 9,7% das indicações nas respostas. É cada vez menor a influência recebida pelos sujeitos de fatores ou intervenções específicas que poderiam sistematizar o processo de decisão dos estudantes a respeito de que curso superior cursar. Orientação vocacional tem queda de indicações a cada fase do curso, como influência na decisão de cursar Psicologia. 5,5% dos sujeitos indicam na 9ª fase, 2,4% de respostas na 7ª fase, percentual que se repete na 5ª fase e não há indicações de haver a orientação vocacional influenciado na decisão dos sujeitos da 3ª e da 1ª fase. O que pode estar acontecendo com a orientação profissional de jovens? Talvez haja um descrédito da população em geral em relação a eficácia dos métodos utilizados por esse tipo de trabalho. Talvez o acesso a esse tipo de informação seja difícil. É fruto da situação financeira? Ou não há uma divulgação adequada por parte dos profissionais de Psicologia a respeito desse tipo de serviço? Essas questões merecem ser melhor investigadas.

A decisão de realizar um curso superior está calcada sobre fatores relacionados a motivos voltados para a profissão, motivos voltados para os outros, motivos voltados para si e facilidades que eventualmente são oferecidas pelas instituições do ensino superior. A falta de

maiores e mais precisas informações a respeito dos cursos superiores está causando a escolha desses e por consequência a escolha do futuro exercício profissional calcada sobre fatores que não garantem ao estudante que suas expectativas em relação às possibilidades de atuação frente ao objeto de estudo da Psicologia sejam supridas no decorrer da Universidade. Em decorrência disso é possível que ocorra um alto índice de pessoas em desarmonia com sua formação universitária, decepcionadas, insatisfeitas e frustradas durante o curso. As consequências desses problemas poderão resultar num elevado índice de evasão da Universidade, que consistirão em prejuízo para os indivíduos, para a instituição e para toda a sociedade.

4

AS EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA EM RELAÇÃO AO FUTURO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

A expectativa, uma espera com esperança, é uma representação inerente ao ser humano. Vinculada a qualquer evento futuro pelo qual exista a possibilidade de ocorrer e que haja de alguma forma envolvimento do sujeito. É definida por Silamy (1998, p.99) como “a espera de um sujeito” e Ferreira (2002) afirma ser a expectativa a “esperança baseada em supostos diretos, probabilidades ou promessas”. Um curso superior é uma preparação e uma formação, para que o sujeito, depois de graduado, atue profissionalmente. Essa preparação não apenas desperta uma projeção daquilo que vai acontecer após a formatura no que é referente à atuação profissional. Uma preparação para qualquer evento futuro fundamentalmente requer essa projeção. Portanto o estudante de um curso superior tem expectativas em relação ao futuro exercício da profissão e é importante revelar essas expectativas, uma vez que elas influenciam nos processos de decisão a respeito daquilo que o estudante deve realizar durante o curso superior, para melhor preparo frente ao que vai desempenhar depois do término de sua graduação.

4.1 Desejos em relação ao exercício da profissão de Psicólogo.

Qual a atuação profissional que um estudante de Psicologia espera desenvolver logo após a formatura? Essa é uma questão cuja resposta só pode ser dada a partir de uma identificação daquilo que um sujeito tem como desejo de atuação, baseado em supostos diretos e probabilidades, que é uma projeção. Ou seja, sua expectativa em relação à futura atuação profissional. A tabela 4.1 apresenta a distribuição em porcentagem, por fase e no conjunto de respostas sobre a atuação profissional que os sujeitos esperam desenvolver logo após a formatura.

Ela está dividida em 4 blocos de categorias de respostas de acordo com as semelhanças entre elas. O primeiro bloco de categorias é composto de campos de atuação, o segundo bloco de categorias é constituído de respostas que indicam as pessoas e suas fases de desenvolvimento como possibilidade de atuação que os sujeitos esperam desenvolver após a formatura. O terceiro bloco é composto de respostas genéricas em relação à atuação (onde

houver ofertas ou ajudar pessoas) e o quarto bloco é composto das respostas evasivas, que não definem a futura atuação e aqueles que não respondem a pergunta.

Tabela 4.1
Distribuição de percentuais de citações sobre a atuação que espera desenvolver logo após formatura por fases e no conjunto do curso

Tipos de atuação	Fases					Conjunto
	1ª	3ª	5ª	7ª	9ª	
Clínica	12,0	20,0	16,8	35,2	40,1	24,1
Organizacional	8,0	20,0	11,2	8,1	33,4	13,9
Escolar	16,0	24,0	2,7	2,7	0,0	8,6
Magistério/palestras	0,0	0,0	0,0	5,4	0,0	1,4
Pesquisa	0,0	0,0	5,5	0,0	0,0	1,4
Jurídicas	0,0	0,0	2,7	0,0	0,0	0,7
Trab. Comunitário	8,0	0,0	8,3	2,7	6,6	5,0
Hospital	0,0	8,0	2,7	8,1	13,3	5,7
Crianças	4,0	0,0	2,7	5,4	0,0	2,9
Idosos	4,0	4,0	0,0	2,7	0,0	2,1
Onde houver oferta	4,0	4,0	0,0	10,8	6,6	5,0
Ajudar pessoas	4,0	4,0	0,0	0,0	0,0	1,4
Não respondeu	0,0	4,0	8,3	0,0	0,0	2,9
Não definiu	20,0	8,0	13,9	16,2	0,0	13,2
Evasiva	20,0	4,0	25,2	2,7	0,0	11,7

Na 1ª fase há 12% de indicações de respostas dos sujeitos para o campo clínico como desejo de futura atuação profissional, na 3ª fase ocorrem 20% de respostas dos sujeitos que indicam o campo clínico como a escolha para futura atuação profissional, na 5ª fase há 16,8% de indicações de respostas dos sujeitos que indicam o desejo de futura atuação profissional no campo clínico, na 7ª fase as respostas que indicam esse campo de atuação como o escolhido para futura atuação profissional ocorre em 35,2% das indicações e na 9ª fase há 40,1% de indicações de respostas dos sujeitos que indicam o campo clínico como opção de futura atuação profissional.

Em relação à escolha de atividades do campo escolar, alunos da primeira fase em 16% das respostas indicam esse campo como o que espera da futura atuação profissional. Alunos da 3ª fase indicam em 24% das respostas expectativa de futura atuação nesse campo. Os

alunos da 5ª e da 7ª fase indicam em 2,7% das respostas respectivamente a expectativa de futura atuação profissional no campo escolar e na 9ª fase há 0% de indicação de respostas de expectativa de futura atuação em relação ao campo escolar.

Respostas que indicam tipos de trabalho como sub campos de atuação ocorreram num percentual de 60,8%. Responderam indicando fases de desenvolvimento humano (crianças e idosos) 5,0% dos sujeitos. Deram respostas evasivas 11,7% dos sujeitos, 13,2% dos sujeitos não definiram com suas respostas o seu desejo de atuação logo após a formatura e 2,9% dos sujeitos não responderam a pergunta. Ocorreram também respostas genéricas como “onde houver ofertas” ou “ajudar pessoas”, num percentual de 6,4%. Totalizando, o bloco de respostas em que os sujeitos não definem o seu desejo de atuação logo após a formatura é de 34,2% de respostas.

As respostas que indicam os campos clássicos (clínico, organizacional e escolar) específicos de atuação como desejo de trabalho logo após a formatura tem no conjunto 46,6% das indicações e estão distribuídas da seguinte forma: A atuação no campo clínico como desejo dos sujeitos para trabalho logo após a formatura tem 24,1% das escolhas dos sujeitos. 13,9% dos sujeitos indicaram o campo organizacional como a opção de atuação logo após a formatura. 8,6% indicaram com suas respostas o campo escolar como opção para atuação logo após a formatura.

Em relação às respostas dos sujeitos que não definem os desejos de atuação, há um decréscimo na medida em que o curso avança. 48,0% na primeira fase, 24,0% das respostas da terceira fase, 47,4% das respostas da quinta fase, 29,7% da sétima fase e 6,6% na nona fase dão resposta indefinidas, evasivas ou não respondem sobre o seu desejo de atuação logo após a formatura. Na nona fase houve 0% de respostas indefinidas ou evasivas em relação ao desejo de atuação logo após a formatura.

Os dados referem-se às atuações profissionais que os sujeitos esperam desenvolver logo após a formatura. Mas quais seriam os tipos de trabalho que esses sujeitos desejam muito realizar no exercício da profissão de psicólogo? A Tabela 4.2 mostra a distribuição percentual de indicações de trabalhos que os sujeitos desejam muito realizar no exercício profissional. Os tipos de trabalho estão categorizados e separados em cinco blocos compostos por campos de atuação.

O primeiro bloco de categorias está composto pelas respostas dos sujeitos que referem a trabalhos de atuação no campo da clínica. O segundo bloco de categorias está constituído por respostas que indicam trabalhos do campo organizacional. O terceiro bloco de categorias

é de respostas que indicam trabalho no campo social. O quarto bloco está composto de respostas que indicam trabalhos do campo escolar.

Tabela 4.2
Distribuição de percentuais de respostas sobre trabalho que deseja muito realizar no exercício profissional por fases e no conjunto do curso

Tipo de trabalho	Campo de atuação	F a s e s					Conjunto
		1ª	3ª	5ª	7ª	9ª	
Consultório /clínica		19.8	17.5	5.8	25.9	23.2	18.7
Saúde mental		2.4	4.3	5.8	4.6	3.8	4.2
Drogas/álcool		2.4	0.0	0.0	4.6	0.0	1.8
Terapia		2.4	8.7	0.0	2.3	0.0	2.4
Hospitais		7.3	0.0	0.0	7.0	7.7	4.8
Adolescente	Clínica	2.4	0.0	3.0	2.3	3.8	2.4
Idoso	58,2%	2.4	8.7	0.0	2.3	0.0	2.4
Casais		0.0	4.3	3.0	0.0	3.8	1.8
Família		0.0	0.0	0.0	9.3	3.8	3.0
Gestantes		0.0	0.0	0.0	2.3	0.0	0.6
Ajudar pessoas		0.0	4.3	3.0	0.0	0.0	1.2
Criança		27.0	17.5	5.9	7.0	15.5	14.3
Or. Sexual		0.0	0.0	3.0	0.0	0.0	0.6
Organizacional	Organizacional	9.7	8.7	11.5	7.0	19.3	10.7
Publicidade	11,3%	2.4	0.0	0.0	0.0	0.0	0.6
Social	4,2%	4.9	4.3	5.9	4.6	0.0	4.2
Escolar		2.4	0.0	5.9	2.3	3.8	3.0
Palestras		2.4	4.3	3.0	7.0	0.0	3.6
Aulas	Escolar	2.4	0.0	0.0	2.3	7.7	2.4
Artes	12,0%	2.4	0.0	0.0	0.0	0.0	0.6
Literatura/cinema		0.0	0.0	0.0	2.3	0.0	0.6
Probl. Aprend.		2.4	0.0	3.0	0.0	3.8	1.8
Jurídico	1,2%	0.0	0.0	5.9	0.0	0.0	1.2
Pesquisa	0,6%	0.0	0.0	0.0	0.0	3.8	0.6
Resposta indefinida	10,7%	4.9	8.7	35.3	4.6	0.0	10.7
Não respondeu	1,8%	0.0	8.7	0.0	2.3	0.0	1.8

O quinto bloco de categorias de respostas é composto de trabalhos do campo jurídico. O sexto bloco de categorias de respostas está constituído por trabalhos referentes à pesquisa. Há ainda um bloco que considera as respostas dos sujeitos que não definiram algum trabalho que desejam muito realizar. E o último bloco é constituído pelo percentual de sujeitos que não responderam à questão.

Os campos de atuação foram formados por semelhança a partir dos tipos de trabalhos indicados pelos sujeitos como sendo o que desejam muito realizar no exercício profissional. O campo de atuação em clínica tem 58,2% das indicações dos sujeitos que respondem desejar muito realizar esse tipo de trabalho no exercício profissional. 11,3% dos sujeitos indicam que desejam realizar trabalhos no campo de atuação organizacional. 12,0% dos sujeitos respondem que desejam atuar com trabalhos do campo escolar. 4,2% dos sujeitos respondem desejar muita realizar trabalho profissional no campo social. 1,2% dos estudantes pesquisados indicam o campo jurídico como desejo de atuação profissional e o campo da pesquisa tem 0,6% das indicações das respostas de trabalho que os sujeitos desejariam muito realizar. Houve respostas que não definiram algum tipo de trabalho com que desejam atuar num percentual de 10,7% dos sujeitos e 1,8% dos sujeitos não respondeu. A Figura 4.1 oferece uma melhor visualização desses percentuais e das proporções entre eles.

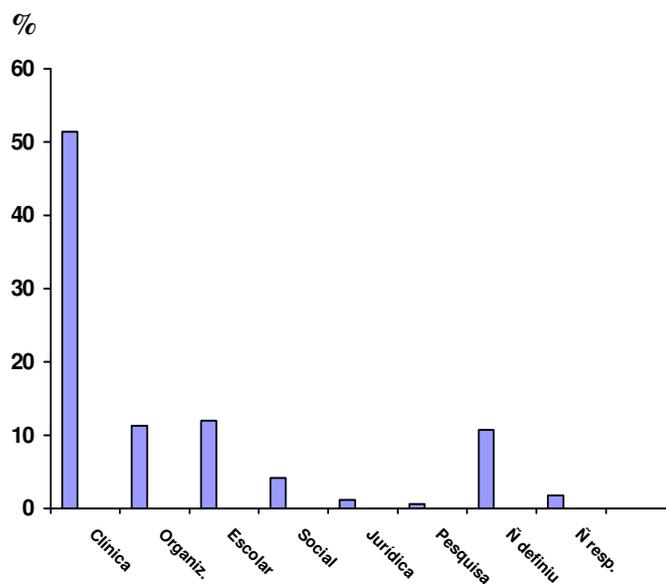


Figura 4.1: Distribuição de percentuais de respostas que indicam os campos de atuação profissional onde os sujeitos desejam muito trabalhar

As respostas dos sujeitos que constituem o desejo de trabalhar no campo clínico de atuação são distribuídas em vários tipos específicos de trabalho, que envolvem locais, pessoas, condições de desenvolvimento e dificuldades. 18,7% dos sujeitos que indicam o campo clínico respondem desejar muito trabalhar em consultório e 14,3% das respostas dos sujeitos indicam o desejo de atuar profissionalmente com crianças. O campo escolar também é dividido em atividades específicas como aulas, palestras, problemas de aprendizagem. Nos outros campos de atuação a indicação das atividades em que há desejo de atuação é

respondida pelo próprio nome do campo (jurídico, social), sem que esse seja dividido em especificidades.

As respostas que não definem sobre o trabalho que desejam muito realizar no exercício profissional ocorrem em 4,9% na primeira fase, 8,7% na segunda fase, 35,3% na terceira fase, 4,6% na sétima fase e 0,0% na nona fase. Essas respostas indefinidas somadas aos que não responderam à questão num total de 12,5%, tem uma tendência a atingir um nível máximo no meio do curso, para ir diminuindo até que na última fase atingem 0,0% de ocorrência, como está mostrado na Figura 4.2

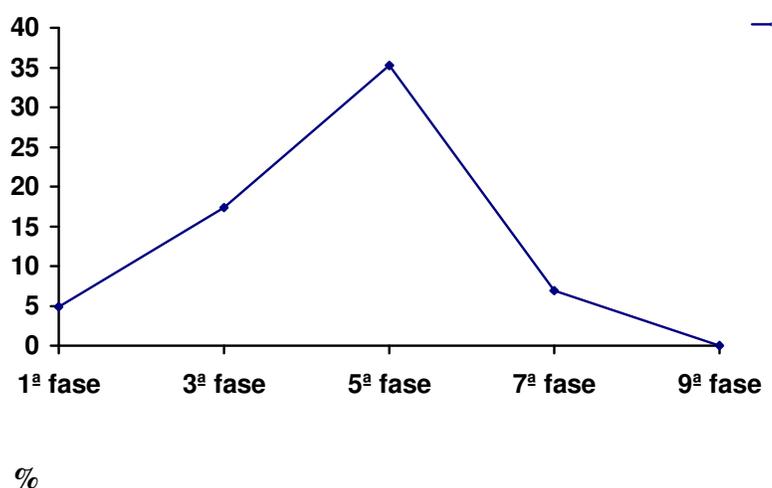


Figura 4.2: Percentuais de respostas que não definem sobre o trabalho que gostariam muito de realizar, acumulados com percentuais dos que não responderam distribuídos ao longo das fases.

4.2 Tipos de fenômenos com os quais os estudantes de Psicologia desejam trabalhar em sua futura atuação profissional

Para revelar com mais clareza a expectativa dos estudantes de Psicologia em relação à futura atuação profissional é necessário revelar com que tipos de fenômenos esse sujeitos desejam trabalhar no exercício de sua profissão. A Tabela 4.3 mostra a distribuição de ocorrências e percentuais dos fenômenos com os quais os sujeitos desejam trabalhar em sua atuação profissional. Os fenômenos estão divididos em conjuntos de campos de atuação e relacionados exatamente de acordo com o respondido pelos sujeitos no instrumento de coleta de dados.

Tabela 4.3
Distribuição de respostas sobre os tipos de “fenômenos” com os quais os sujeitos desejam trabalhar e distribuição de ocorrências e percentual por categorias de respostas

Campo de atuação	Respostas / Fenômenos	Ocorrências	Percentual
Clínico	Consultório, clínica, tratamento psicológico, terapia de casais, terapia, psicodrama, aconselhamento, insight, ludoterapia, orientação, ajuda, auto ajuda, ajuda ao ser humano, carentes, trauma, distúrbios emocionais, dificuldades de comportamento, distúrbios, neuroses, transtornos, álcool, drogas, depressão, estresse, psicóticos, psicopatologias, problemas pessoais, conflito, luto, morte, sentimentos, solidão, auto estima, desmotivação, saúde mental	76	34%
Organizacional	Organização, recrutamento e seleção, empresa, dinâmicas de grupos, recursos humanos, organograma, treinamento, motivação na empresa, entrevistas	31	13%
Escolar	Educativas, problemas escolares, adaptação escolar, novas técnicas de ensino, planejamento de currículo, aprendizagem, palestras, aulas, orientação vocacional, cursos	24	10%
Necessidades Especiais	Deficientes, excepcionais, dificuldade de aprendizagem, prevenção de deficiências, necessidades especiais, educação especial, inclusão, criança com deficiência	16	7%
Hospitalar	Hospital, enfermidades, agravamento de saúde, prevenção de saúde, acidentados, pacientes Terminais, hemofílicos, psicooncologia, spa, obesidade, neuropsicologia	15	6%
Crianças	Crianças, perda, abandono, adolescentes.	14	6%
Família	Família, problemas familiares, divórcio	8	3%
Relacionamentos	Problemas de relacionamento, convivência, brigas, conflitos interpessoais, conflitos interrelacionais	7	3%
Maternidade	Maternidade, gravidez, pós parto, estimulação de bebês	3	1%
Jurídico	Judiciário, presos	2	1%
Outros	Elaboração de personagens de histórias, eventos sociais, melhoria da qualidade de vida, cotidiano, eventos, variações comportamentos	13	6%
Não respondeu		7	3%
Não definiu		16	7%
não sabe			

A tabela 4.3 mostra que 34% das indicações dos sujeitos indicam fenômenos com os quais desejam trabalhar relacionados ao campo clínico. 13% das respostas dos sujeitos indicam fenômenos relacionados ao campo organizacional. 10% das respostas dos sujeitos indicam o desejo de trabalhar com fenômenos relacionados ao campo escolar. As necessidades especiais são indicadas em 7% das respostas sobre os fenômenos com os quais os sujeitos desejam trabalhar. Em 6% das respostas são indicados fenômenos vinculados ao campo hospitalar e especificamente no trabalho com crianças. Com 3% das indicações das respostas aparecem fenômenos relacionados aos campos de atuação com a família e com as relações pessoais. O campo jurídico e trabalhos relacionados com a maternidade recebem 1% das indicações de respostas. 6% das respostas dos sujeitos sobre os fenômenos com os quais gostariam de trabalhar não estão enquadradas em um campo específico de atuação, 3% dos sujeitos não responderam e 7% dos sujeitos não definiram ou não sabiam responder sobre o seu desejo em relação aos fenômenos com os quais desejam trabalhar. Esses percentuais e a suas proporções ficam melhor visualizados na Figura 4.3.

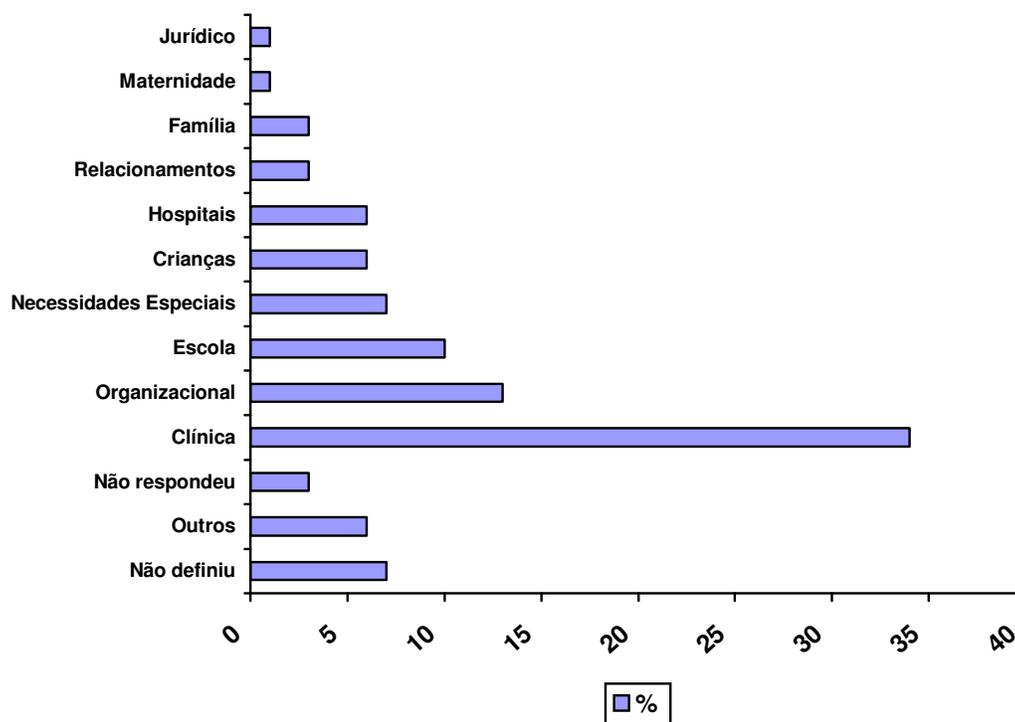


Figura 5.2: Distribuição de percentuais de respostas dos sujeitos sobre trabalho que gostariam de realizar no exercício profissional.

4.3 Os supostos diretos, as probabilidades e as promessas

O que os alunos de Psicologia esperam desenvolver no exercício de sua profissão logo após a formatura? As respostas dos sujeitos sobre o que esperam desenvolver logo após a formatura estão categorizadas por semelhança em campos de atuação. O campo clínico tem o maior número entre as respostas com 24,1% de indicações. Na 1ª fase há 12% de indicações de respostas dos sujeitos para esse campo como desejo de futura atuação profissional. Na 3ª fase ocorrem 20% de respostas dos sujeitos que indicam o campo clínico como a escolha para futura atuação profissional. Na 5ª fase há 16,8% de indicações de respostas dos sujeitos que indicam o desejo de futura atuação profissional no campo clínico. Na 7ª fase as respostas que indicam esse campo como o escolhido para futura atuação profissional ocorre em 35,2% das indicações e na 9ª fase há 40,1% de indicações de respostas dos sujeitos que indicam o campo clínico como opção de futura atuação profissional. A distribuição percentual das escolhas de atuação que espera desenvolver logo após a formatura demonstra que a tendência maior é a opção pela área clínica que inclusive, como demonstram as respostas, é acentuada na medida em que as fases do curso avançam, havendo um percentual maior de opções por essa área nas fases mais próximas do final do curso.

Em relação ao campo escolar é possível ser verificado um fenômeno que desperta a atenção. Na 1ª fase 16% das respostas dos alunos indicam o campo escolar como expectativa de futura atuação profissional. Alunos da 3ª fase indicam em 24% das respostas expectativa de futura atuação nesse campo. Alunos da 5ª e da 7ª fase indicam em 2,7% das respostas respectivamente a expectativa de futura atuação profissional no campo escolar e na 9ª fase há 0% de indicação de respostas de expectativa de futura atuação em relação ao campo escolar. Ou seja, na medida em que o aluno avança nas fases do curso chegando próximo ao final, diminui a expectativa de atuação no campo escolar.

Essa conclusão nos remete a questionamentos necessários: Que características do curso podem estar provocando isso? Seriam as disciplinas? Ou a forma como essas disciplinas são ministradas? O contato com as disciplinas específicas de atuação no campo escolar e o estágio nesse campo não estão criando a expectativa de atuação nessa área. Estão sendo desmotivadores os estágios? A importância e a especificidade do problema revelado a partir dos dados referentes às expectativas dos estudantes de Psicologia em relação ao campo escolar merece uma investigação mais apurada a respeito.

Há um bloco de categorias de respostas constituído por respostas que não definem com clareza o que os sujeitos esperam desenvolver logo após a formatura, por respostas evasivas, por respostas genéricas e por aqueles que não respondem à questão. Há 13,2% de respostas indefinidas dos sujeitos em relação a uma atuação profissional logo após a formatura. Há 11,7% de respostas evasivas em relação à expectativa de atuação profissional logo após a formatura por parte dos sujeitos. 6,4% das respostas dos alunos são genéricas, do tipo “onde houver ofertas” ou “ajudar pessoas” e 2,9% dos sujeitos não respondem a essa questão.

A soma desses percentuais mostra que 34,2% dos sujeitos não conseguem definir com clareza suas expectativas em relação à atuação logo após a formatura. Esses percentuais de respostas em relação às possibilidades de atuação profissional mostram a insegurança e a falta de conhecimento para a exatidão na identificação de possibilidades para o exercício profissional dos alunos do curso de Psicologia logo após a formatura. Respostas genéricas como as do tipo “onde houver ofertas” direcionadas unicamente para o mercado de trabalho ou seja “ofertas de emprego existentes” (Botomé 1988 p.281) e respostas do tipo “ajudar pessoas” sem definir as características da ajuda, traduzindo uma espécie de assistencialismo criando expectativas de atuação nos estudantes de Psicologia, revelam a falta, por parte da instituição de ensino, de uma adequada preparação do aluno em relação ao campo de atuação profissional, definido por Botomé (1988 p.281) pelas “possibilidades de atuação profissional, independentemente de oferta de emprego”, que proporcione ao aluno a formação de expectativas pertinentes a perspectiva de uma atuação profissional logo após a formatura. Essa falta de percepção da diferença entre mercado de trabalho e campo de atuação profissional provoca uma redução na perspectiva de atuação profissional futura e a uma distorção nas expectativas dos estudantes em relação ao futuro exercício da profissão de psicólogo.

Na tentativa de responder sobre o que esperam desenvolver logo após a formatura como atividade profissional, são indicados como respostas os campos de atuação já caracterizados como clássicos (clínico, organizacional e escolar). Nos agrupamentos de respostas 46,6% indicam as expectativas de atuação utilizando essa nomenclatura. A divisão e nomenclatura das disciplinas na grade curricular são feitas enfatizando a divisão em campos clínico, escolar e organizacional. Os estágios curriculares, que ocorrem nas fases finais do curso são divididos nos campos clínico, escolar e organizacional. Agindo dessa forma a Universidade mantém a rigidez e o hermetismo dessa divisão como sendo as únicas possibilidades, não ampliando as perspectivas das possibilidades de atuação profissional após a formatura, que consistem na realidade num vasto campo de atuação.

Se houvesse a conscientização por parte da Universidade dessa circunstância, ela poderia colocar em prática uma proposta de ampliar a perspectiva em relação ao campo de atuação profissional. É possível verificar, a partir da análise dos dados, que há uma influência do mundo acadêmico na formação de expectativa dos estudantes em relação ao futuro exercício profissional. As respostas evasivas e que não definem o que os sujeitos esperam desenvolver como atuação profissional logo após a formatura ocorrem em 20% das respostas de cada uma delas dos sujeitos da primeira fase do curso enquanto que dos alunos da última fase do curso as respostas evasivas e que não definem expectativa ocorreram em 0,0%. Há na composição das respostas dos sujeitos nas diversas fases um bloco de categorias composto de respostas imprecisas em relação ao desejo de atuação logo após a formatura. 48,0% de respostas na primeira fase, 24% de respostas na terceira fase, 47,4% das respostas na quinta fase, 29,7% das respostas na sétima fase e 6,6% de respostas na nona fase compõem o bloco de respostas imprecisas em relação ao desejo de atuação logo após a formatura. Há um decréscimo de respostas que não definem os desejos de atuação dos sujeitos na medida em que o curso avança demonstrando influência da Universidade na dinâmica da formação de expectativas dos alunos em relação ao futuro exercício da profissão.

A literatura indica que há influência da Universidade na formação de expectativa relativa à atuação profissional. Cruz (1998) afirma que “o professor é foco de atenção pois ele contribui para a criação da imagem da profissão”. Silva (1984 pág. 45) comenta que “a população de alunos do curso de Psicologia ao longo do curso podem mudar as expectativas em função de muitas variáveis: currículo, contato com colegas, contato com profissionais da área, entre outras”. Os dados da pesquisa confirmam a literatura, que faz referência à influência da Universidade na formação das expectativas dos estudantes em relação a atuação profissional futura.

Em decorrência do que os dados revelam, é potencializada a responsabilidade da Universidade sobre a influência e formação dessas expectativas exigindo um maior cuidado com a organização e sistematização de estratégias e formas de atuação que cuidem do processo de preparo dos alunos para um maior conhecimento das possibilidades de futura atuação no campo profissional em Psicologia. Para que haja uma maior aproximação do fenômeno a ser revelado, as expectativas dos sujeitos em relação ao futuro exercício profissional, os alunos foram questionados sobre o que gostariam muito de realizar em sua atuação profissional. Na composição das respostas dos sujeitos 58,2% dos alunos indicam algum tipo de atuação que tem referência ao campo clínico. Dessas respostas 18,7% dos estudantes respondem desejar muito atuar especificamente em consultório ou clínica de

Psicologia. O percentual de respostas de estudantes que desejam muito atuar em consultório ou clínica (18,7%) é maior que a soma dos percentuais que compõem os outros sub campos formados pelas outras categorias de respostas. Há uma tendência entre os estudantes de Psicologia o desejo em atuar no campo clínico no exercício profissional.

O resultado de pesquisa realizada pelo IBOPE, divulgada em agosto de 2004 pelo CFP no Jornal do Federal nº 79, que retrata o psicólogo brasileiro, revela “a Psicologia Clínica como a principal área de atuação dos psicólogos” e informa ainda que “45% dos psicólogos fizeram ou estão fazendo pós graduação nessa área”. Mello (1975 p. 71) comenta que “o estudante de Psicologia se dirige mais à Psicologia Clínica dada à similaridade que ela evoca, e as vezes se preocupa em acentuar com a figura e as atividades do Médico, padrão de profissional liberal bem sucedido”. Esse direcionamento do desejo de atuação profissional voltado para apenas um campo de atuação tira de foco a possibilidade de ampliação do conhecimento e de exercício profissional em outros campos de atuação. Se não forem orientados enquanto estiverem na Universidade, os estudantes de Psicologia correm o risco de, quando profissionais, criar desajustes com uma realidade social na qual estão inseridos.

As respostas dos sujeitos voltadas para o campo clínico como desejo de atuação profissional são divididas em categorias mais diversas em relação às respostas sobre o desejo de trabalho nos outros campos de atuação. Essas respostas referentes ao campo clínico de atuação são divididas em especificações que indicam locais (consultório, hospital), tipos de pessoas (idosos, adolescentes, crianças) e tipos de trabalho (terapia, orientação sexual, ajudar pessoas). Há mais conhecimento por parte dos sujeitos, das possibilidades de trabalho quando é tratado do campo clínico de atuação em relação aos outros campos de atuação.

11,3% das respostas dos sujeitos indicam o desejo de trabalhar no campo organizacional. Os sujeitos que respondem desejar muito atuar no campo organizacional não dividem esse campo em especificações de atuação, limitando suas respostas em “Organizacional”. 12% das respostas dos sujeitos indicam o desejo de atuação profissional no campo escolar. Os sujeitos que respondem desejar muito atuar no campo escolar, não especificam que tipo de atividade gostaria de realizar nesse campo. Alunos não têm informações específicas sobre as possibilidades de atuação em cada um dos campos organizacional e escolar. A Universidade trata os campos de atuação em sua forma mais ampla e genérica, não mostrando aos estudantes as perspectivas e especificidades de cada campo de atuação.

Outra forma de responder à pergunta sobre o que gostariam muito de realizar no exercício da profissão de psicólogo é utilizando pessoas como resposta. 14,3 % das respostas

dos sujeitos sobre o que gostariam muito de realizar no exercício da profissão, indicam atuação com crianças. As indicações de fases de desenvolvimento (crianças, adolescentes e idosos) como trabalho que desejam muito realizar no exercício da profissão, ocorrem em 19,1% das respostas dos sujeitos. Esse índice ultrapassa os conjuntos de categorias de respostas que referem a outros campos de atuação. Estudantes de Psicologia idealizam sua atuação profissional junto às pessoas e as especificações dessa atuação ocorre de acordo com a fase de desenvolvimento dessas pessoas. A definição de categorias de motivos para realizar o curso de Psicologia, apontados pelos psicólogos em pesquisa divulgada pelo Conselho Federal de Psicologia na obra *Quem é o Psicólogo brasileiro?* (1988) revela que os “motivos voltados para o outro” predominam nas respostas. Essas aparecem em frases como “busca de conhecimento do ser humano”, “gostar do ser humano”, “ajudar o ser humano” e “interagir com o ser humano”.

O campo da pesquisa tem 0,6% das indicações das respostas de trabalho que os sujeitos desejariam muito realizar e somente na 9ª fase do curso. Os alunos da nona fase estão realizando seus estágios curriculares e seus trabalhos de término de curso que exige um trabalho de pesquisa para ser socializado ao final do ano letivo. Com a inserção do estudante num trabalho de pesquisa há o despertar do interesse por essa atividade. A Universidade deveria criar condições para que os estudantes pudessem ter acesso às informações pertinentes ao conhecimento do trabalho de pesquisa desde as primeiras fases do curso. Da 1ª a 7ª fase dos curso de Psicologia aparece em 0% das respostas dos sujeitos o desejo de atuação no campo da pesquisa. A Universidade não abre a perspectiva de atuação em pesquisa, nem incentiva os seus alunos em direção a esse campo de atuação. Não é possível esperar muito em termos de renovação ou avanço da Ciência Psicologia, se aqueles que estão iniciando no campo profissional, não tem interesse pelo campo da pesquisa. É falha na proposta de formação de um indivíduo em um curso superior se a instituição de ensino não o prepara para a construção de novos conhecimentos em relação à ciência na qual o estudante está sendo profissionalizado.

10,7% dos sujeitos não definiram com suas respostas algum trabalho em que desejassem atuar. 1,8% dos sujeitos não respondeu sobre trabalho que desejam atuar em seu exercício profissional e na soma dos percentuais dos que respondem sem definir e não respondem 12,5% dos sujeitos não são precisos em suas respostas sobre o desejo de atuação em seu exercício profissional. Os estudantes de Psicologia percebem de forma parcial ou não percebem as possibilidades de atuação profissional futura. A partir disso é possível inferir que a Universidade não percebe quais as expectativas dos alunos em relação ao futuro exercício

profissional e quando percebe não cria propostas concretas que facilitem a correção dessas expectativas.

Na procura de um aprofundamento sobre as expectativas dos estudantes de Psicologia a respeito de futura atuação profissional houve o questionamento a respeito dos fenômenos com os quais os sujeitos desejam trabalhar no exercício da profissão de psicólogo. 34% das indicações de fenômenos com os quais os sujeitos desejam trabalhar estão relacionados com o campo clínico. Os fenômenos indicados pelos sujeitos com os quais desejam trabalhar foram relacionados exatamente de acordo com o respondido pelos sujeitos no instrumento de coleta de dados. Os dados mostram que os fenômenos relacionados em quase sua totalidade estão vinculados a rotinas, problemas, anormalidades, desequilíbrios e sofrimentos. Os alunos de Psicologia projetam sua atuação profissional para situações relacionadas à solução de problemas de toda ordem e a minimização de sofrimentos. As indicações de fenômenos vinculados a normalidade e a prevenção aparecem em poucas respostas em cada um dos campos de atuação. Os sujeitos respondem poucas vezes indicando que possuem pouca expectativa de possibilidade de atuação com atividades de manutenção, preventivas, ou de construção e socialização do conhecimento. A universidade enfatiza a possibilidade de atuação no sentido da correção de problemas, menosprezando as possibilidades de atuação profissional com atividades que envolvam o planejamento, a construção do conhecimento, a socialização desse conhecimento construído ou a prevenção de problemas. Os dados confirmam a literatura, (Bianco, Bastos, Nunes e Silva 1994 p. 18) afirmam que “independentemente da área disciplinar de atuação profissional, o método clínico depara-se com um indivíduo cuja problemática deve ser resolvida de forma mais ou menos imediata. A doença, o distúrbio, o transtorno são a expressão da situação concreta, particular, na qual se desenvolve tal indivíduo”.

13% das ocorrências de respostas indicam fenômenos do campo organizacional. Os tipos de fenômenos com os quais desejam trabalhar os sujeitos no campo organizacional são referentes a rotinas ou tipos de trabalho específico desse campo de atuação. As disciplinas que visam a preparação para atuação no campo organizacional são restritas ao ensino de rotinas e trabalhos específicos desse campo. Os sujeitos, a partir de suas respostas demonstram uma visão parcial das possibilidades de atuação no campo das organizações. “A percepção dos estudantes de Psicologia a respeito das situações com as quais o psicólogo pode ou deve atuar revelam uma limitada compreensão do que é possível fazer com o domínio do conhecimento em Psicologia” (Botomé 1988 p.276). A ausência de uma visibilidade mais ampla das possibilidades de atuação dificultam a busca de trabalhos

relacionados com esse campo de atuação. Com tal restrições de desejos sobre as possibilidades de atuação profissional no campo organizacional é possível que os estudantes de Psicologia após a formatura encontrem dificuldade e restrinjam a busca de trabalho nesse campo.

A compreensão limitada do que é possível fazer com o conhecimento em Psicologia por parte dos estudantes são realçadas quando é possível verificar a partir dos dados que 16% dos sujeitos dão respostas que não é possível enquadrar em um campo específico de atuação, ou não respondem ou afirmam não saber responder sobre os tipos de fenômenos com os quais desejam trabalhar. Os alunos não têm conhecimento acerca dos fenômenos com os quais poderiam atuar confundindo-os com eventos, rotinas e caricaturas daquilo que seriam fenômenos possíveis de serem atingidos com atuação no exercício da profissão de psicólogo.

5

EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CONTINUIDADE DOS ESTUDOS E PLANEJAMENTO PARA O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DE PSICÓLOGO A LONGO PRAZO

As pessoas, as instituições e a sociedade, em todos os seus âmbitos está cada vez mais exigente. Nos anos 50, no Brasil, uma pessoa com o “ginásio”, hoje denominado ensino fundamental, era considerada pessoa com estudo suficiente para conseguir estabelecer profissionalmente. Pouco depois, na década de 60, o então “científico” que depois passou a ter a nomenclatura de segundo grau (e hoje é denominado ensino médio), obteve o status de nível de estudo necessário para as pretensões das pessoas que queriam utilizar o estudo como condição para o estabelecimento profissional. A Universidade, com seus cursos de graduação, ao final do século XX, passa a ser vista como a forma mais elevada de formação e preparo dos profissionais. Um título de graduação é, nos dias de hoje, almejado e colocado como objetivo final de muitos estudantes no Brasil.

Com a complexidade social crescente, que vem em desenvolvimento cada vez mais veloz a partir de meados do século passado com a evolução tecnológica em conjunto com uma maior preocupação das diversas instituições com o ser humano, ficam cada vez maiores as exigências institucionais. Com as profissões cada vez mais transformadas em especialidades, a exigência passou a ser a complementação da formação acadêmica por meio das especializações, dos cursos de formação específica e dos cursos de aperfeiçoamento profissional. Um discurso enaltecendo essa necessidade ocorre nas instituições de ensino e em outras instituições, pressionando os estudantes a pensar sempre no próximo passo no sentido de avanço nos níveis educacionais ofertados no Brasil, o que pode levar o estudante a uma perpetuação da permanência nos meios universitários mesmo que sem o devido preparo ou segurança para partir para uma atuação profissional.

5.1 A expectativa de continuidade dos estudos

Para revelar expectativas em relação a uma futura atuação profissional, é relevante buscar dados a respeito das intenções dos estudantes de dar continuidade aos estudos após a graduação e verificar se esse planejamento atinge proporções de prazos mais longos como de cinco a dez anos após a formatura.

A Tabela 5.1 mostra as ocorrências e o percentual de respostas sobre as intenções dos estudantes de Psicologia em dar continuidade aos estudos após a graduação.

Tabela 5.1
Distribuição de ocorrências e percentual de respostas sobre a intenção de dar continuidade aos estudos após graduação por fase do curso

Resp. \ Fase	Ocorrência						Percentual					
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	Conjunto	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	Conjunto
Sim	23	15	29	29	12	108	92,0	83,4	90,7	96,7	100,0	92,4
Não	0	0	0	1	0	1	0,0	0,0	0,0	3,3	0,0	0,8
Resposta Indefinida	2	3	3	0	0	8	8,0	16,6	9,3	0,0	0,0	6,8

No conjunto de respostas, dos 108 estudantes que responderam, 92,4% dos sujeitos respondem de forma afirmativa sobre a intenção de dar continuidade aos estudos após a conclusão da graduação e um sujeito (0.8%) afirmou não desejar dar continuidade aos estudos. Oito sujeitos (6.8%) não definiram com suas respostas a sua intenção. Nas últimas fases (7^a e 9^a), houve 0% de ocorrências de respostas indefinidas quanto a dar ou não continuidade aos estudos após a graduação.

Na primeira fase 92,0% dos alunos respondem que desejam dar continuidade aos estudos após a graduação. Na terceira fase 83,4% dos sujeitos respondem que tem a intenção de continuar os estudos após a graduação. Na quinta fase 90,7% dos alunos indicam essa intenção. Na sétima fase 96,7% dos alunos respondem que pretendem dar continuidade aos estudos após o término da graduação. Os sujeitos da nona fase respondem em 100,0% que tem a intenção de dar continuidade aos estudos após a graduação. Esses percentuais de respostas em relação a intenção de dar continuidade aos estudos após o término da graduação mostram uma tendência de aumento nas respostas positivas em relação a essa intenção. Numa análise qualitativa das respostas dos sujeitos é possível perceber que os mesmos identificam que gostariam de dar continuidade aos estudos após a graduação, mas não indicam a especificidade desse estudo, respondendo

apenas pela nomenclatura oficial das pós graduações (especialização, mestrado e doutorado).

5.2 Planos para uma atuação profissional à longo prazo

Para que seja possível verificar também uma projeção a longo prazo das intenções dos estudantes de Psicologia é relevante examinar os planos de atuação profissional alguns anos após a formatura. A tabela 5.2 mostra a distribuição de ocorrência e percentual de respostas sobre planos de atuação profissional após 5 ou 10 anos da formatura, em cada fase do curso e no conjunto de respostas.

Tabela 5.2
Distribuição de ocorrência e percentual de respostas sobre planos de atuação profissional após 5 ou 10 anos da formatura por fases do curso e no conjunto

Fase Resp.	Ocorrência						Percentual					
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	Conjunto	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	Conjunto
Sim	14	11	26	15	10	76	56.0	61.1	81.2	50.0	83.3	64.9
Não	11	7	6	15	2	41	44.0	38.9	18.8	50.0	16.6	35.1

Quando questionados sobre os planos futuros de atuação 64,9% dos sujeitos respondem que tem planos de atuação futura e 35,1% dos sujeitos respondem não ter planos para atuação para depois de cinco ou dez anos da formatura.

Na primeira fase 56,0% dos sujeitos respondem positivamente em relação aos planos de atuação à longo prazo. Na terceira fase 61,1% das respostas dos sujeitos são positivas em relação a um plano futuro, à longo prazo, sobre atuação profissional. Na quinta fase há 81,2% de respostas positivas em relação a um futuro exercício profissional. Na sétima fase há 50,0% de respostas positivas dos sujeitos a respeito desse planejamento à longo prazo em relação

a ao exercício da profissão. Na nona fase 83,3% das respostas indicam a existência de planos sobre uma futura atuação profissional.

Das respostas positivas dadas pelos sujeitos em relação aos planos futuros de atuação profissional, é possível categorizar as respostas por tipos de trabalho que estão nos planos dos estudantes de Psicologia. A Tabela 5.3 mostra a distribuição percentual das respostas positivas em relação aos planos para atuação profissional após 5 ou 10 anos de graduação por fase do curso e no conjunto categorizadas por tipos de trabalho.

A Tabela 5.3 está dividida em dois blocos de categorias. O primeiro bloco de categorias de respostas é composto por respostas que não definem uma atividade de atuação, definem estudar como atuação ou respondem alguma instituição como atuação. Uma instituição ou estudar não podem ser caracterizadas como um tipo de trabalho ou de atuação profissional e o segundo bloco de categoria de respostas é composto por indicações de atuação (tipos de trabalho) que os sujeitos planejam para após cinco ou dez anos após a graduação.

Tabela 5.3
Distribuição percentual das respostas positivas em relação aos planos para atuação profissional após 5 ou 10 anos de graduação por fase do curso e no conjunto categorizadas por tipos de trabalho

Tipos de trabalho	F a s e s					Conjunto
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	
Respostas não definidas	9.5	14.3	17.2	36.3	5.9	17,5
Estudar	9.5	42.9	34.4	13.6	23.5	24,8
Instituições em geral	9.5	7.1	8.5	4.5	5.9	7,3
Consultório / Clínica	33.4	21.4	14.3	22.7	35.3	23,9
Palestras / aulas	14.3	7.1	2.8	4.5	5.9	6,4
Organizacional	0.0	0.0	5.7	4.5	17.7	5,5
Hospitais	4.7	7.1	2.9	9.0	0.0	4,6
Pesquisa	4.7	0.0	5.7	4.5	5.9	4,6
Escolar	9.5	0.0	2.9	0.0	0.0	2,7
Hospital Psiquiátrico	4.7	0.0	0.0	0.0	0.0	0,9
Jurídico	0.0	0.0	2.8	0.0	0.0	0,9
Escrever livros	0.0	0.0	2.8	0.0	0.0	0,9

O bloco de categoria de respostas que não definem com exatidão os planos de atuação profissional é composto por 49,6% de respostas. 17,5% de respostas dos sujeitos são extrínsecas a uma atuação profissional, 24,8% dos sujeitos respondem *estudar* como plano de atuação profissional futura e 7,3 % dos sujeitos respondem indicando uma instituição, como plano de atuação futura, respostas que não caracterizam com precisão uma atuação profissional.

50,4% das respostas positivas em relação a um futuro trabalho indicam um tipo de trabalho específico como planejamento, sendo que desses 23,9% dos sujeitos definem uma atuação clínica (com psicoterapia em consultório) como sendo o plano para uma atuação profissional à longo prazo.

5.3 Uma condição cíclica desfavorável ao planejamento do curso

Continuar a estudar parece ser uma das grandes expectativas dos estudantes de graduação. Dos 108 sujeitos que respondem sobre a intenção de dar continuidade aos estudos após o término da graduação apenas um (0,8%) responde categoricamente que não deseja continuar estudando. E embora seja uma resposta negativa em relação ao desejo de dar continuidade aos estudos, ela pode ser considerada uma resposta segura, pois indica uma certeza daquilo que o sujeito que responde pretende.

Alunos da primeira fase respondem em 92,0% que desejam dar continuidade aos estudos após o término da graduação. Na terceira fase 83,4% dos sujeitos respondem que tem a intenção de continuar os estudos após a graduação. Na quinta fase 90,7% dos alunos indicam ter a intenção de continuar os estudos depois de terminar o curso de Psicologia. Na sétima fase 96,7% dos alunos respondem que tem a intenção de dar continuidade aos estudos após o término da graduação e os sujeitos da nona fase respondem em 100,0% que tem a intenção de dar continuidade aos estudos após a graduação. Esses percentuais mostram uma tendência crescente de respostas que indicam a intenção de continuidade aos estudos na medida em que o curso se aproxima do final. É possível que nas primeiras fases a preocupação maior seja de conclusão da graduação e a medida que há a aproximação do final do curso a preocupação com estudos de pós graduação aumenta.

Esse aumento de respostas de intenção em dar continuidade aos estudos após a graduação, chegando a 100,0% entre os sujeitos da última fase, suscita questionamentos opostos em relação aos motivos dessa expectativa. Essa preocupação é originada de uma

insegurança e de um sentimento de despreparo para o exercício profissional no momento em que o sujeito termina o seu curso de graduação? Ou seria uma resposta à valorização ao estudo e ao desenvolvimento acadêmico que ocorre na cultura onde os sujeitos estão inseridos? Nas escolas em geral e na Universidade, mais incisivamente, há um discurso de que é necessária a continuidade dos estudos visando a complementação da formação, o desenvolvimento pessoal e a atualização permanente, para a formação profissional que pode estar influenciando os sujeitos na intenção de dar continuidade aos estudos após a conclusão da graduação. Em relação à isso, em pesquisa realizada pelo IBOPE e divulgada pelo Conselho Federal de Psicologia no “Jornal do Federal” nº 79 de agosto de 2004, há a informação de que entre os psicólogos que atuam profissionalmente no Brasil, 58% fizeram ou estão fazendo algum tipo de pós graduação.

Apesar de que 92,4% dos sujeitos respondem positivamente em relação a ter intenção de dar continuidade aos estudos após o término da graduação, numa análise qualitativa das respostas, não há a indicação específica daquilo que os estudantes gostariam de estudar. Os sujeitos respondem a essa questão de forma genérica, utilizando apenas a nomenclatura oficial de pós graduação (às vezes apenas “pós”), especialização, mestrado ou doutorado, não fazendo diferenciação desses níveis. Não é comentado ou divulgada a existência de cursos de pós graduação em Psicologia com os alunos da graduação. Isso revela que os estudantes de Psicologia têm apenas noção da possibilidade de dar continuidade aos estudos e complemento de sua formação, não tendo um conhecimento mais profundo das especificidades e especialidades possíveis de serem seguidas em relação aos estudos após o término da graduação.

Em relação aos planos para atuação profissional a longo prazo, 64,9% dos sujeitos respondem possuí-los. Na primeira fase 56,0% dos sujeitos respondem positivamente em relação aos planos de atuação à longo prazo. Na terceira fase 61,1% das respostas dos sujeitos são positivas em relação a um plano futuro, à longo prazo, sobre atuação profissional. Na quinta fase há 81,2% de respostas positivas em relação a um futuro exercício profissional. Na sétima fase há 50,0 % de respostas positivas dos sujeitos a respeito de um planejamento à longo prazo em relação a atuação profissional e na nona fase, 83,3% das respostas indicam a existência de planos sobre o futuro exercício da profissão, mostrando um percentual crescente em relação a esses planos na medida em que o curso se aproxima do final. É possível que na medida em que o curso avança em suas respectivas fases, em função das disciplinas já cursadas pelos estudantes, haja um maior conhecimento das possibilidades de atuação

profissional, em relação aos alunos das primeiras fases facilitando o processo de planejamento à longo prazo.

O tipo de trabalho que teve um percentual significativo de respostas dos sujeitos (23,9%), foi os que projetam para o futuro à longo prazo, o exercício profissional no campo clínico de atuação em consultórios ou clínicas de Psicologia. Alguns estudantes respondem que conseguem imaginar esse tipo de trabalho “somente à longo prazo” pois no seu modo de entender haveria necessidade de uma maior preparação para esse tipo de trabalho na profissão de Psicólogo. É sintomático que as verbalizações tomem esse posicionamento, e é necessário ficar atento a elas, pois um curso de Psicologia tem a pretensão de formar psicólogos. E os psicólogos devem estar aptos ao exercício da profissão, em trabalhos inerentes ao campo de atuação profissional, que são de prerrogativa do profissional de Psicologia.

Na última fase, 16,6% dos sujeitos respondem que não tem planos de atuação profissional à longo prazo. E no conjunto de respostas de todas as fases 35,1% dos sujeitos respondem não possuir planejamento para sua atuação profissional num prazo mais longo. Há uma falta de visibilidade, por parte dos estudantes, das possibilidades de atuação, que dificulta um planejamento em relação a essa atuação, mesmo que à curto prazo, ainda mais difícil um planejamento a longo prazo.

Essa falta de conhecimento das possibilidades de atuação profissional em Psicologia acarreta distorções nas respostas sobre a especificação de um tipo de trabalho que desejaria o estudante realizar no futuro. 49,9% dos sujeitos no conjunto de respostas de todas as fases do curso respondem evasivamente a questão relacionada aos seus planos de atuação futura. 17,5% dão respostas imprecisas que não definem seus planos, 24,8% dos sujeitos respondem que estudar faz parte de seus planos de atuação profissional após cinco ou dez anos de formatura e 7,3% dos sujeitos respondem indicando uma instituição como sendo o plano de atuação futura. A falta de conhecimento a respeito das possibilidades de atuação dificulta ou impede o planejamento a esse respeito.

Essa dificuldade de planejamento referente ao exercício da profissão a longo prazo, mesmo que mais genérico e superficial, influencia dificultando a tomada de decisão sobre o que realizar no presente, em termos de estudos, pesquisas, estágios, trabalhos que resultam em preparação para uma situação futura. Ausência de planejamento dificulta ou impede ações mais diretas da própria Instituição de Ensino Superior, no sentido de preparar o estudante para o que o mesmo poderá realizar no exercício da profissão. É

criada uma condição cíclica desfavorável ao planejamento das atividades acadêmicas. A Universidade não municia o estudante de informações necessárias para a criação de uma perspectiva de atuação profissional a longo prazo. O aluno da graduação não tem conhecimento do campo de atuação profissional em Psicologia e não consegue ter planos concretos sobre o exercício de sua profissão a longo prazo. A Universidade não facilita ao aluno esse conhecimento e verifica ao longo do curso que não é possível orientar àquele que não sabe onde deseja chegar, criando assim uma estagnação no processo de preparação dos estudantes para o futuro exercício profissional.

6

**O QUE REVELAM AS EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA EM
RELAÇÃO AO FUTURO EXERCÍCIO PROFISSIONAL**

Um curso superior é um importante empreendimento na vida de uma pessoa e é cercado de expectativas. Elas se constituem e influenciam desde o momento da escolha da profissão. Presentes desde início, essas representações vão se alterando no decorrer do curso de graduação, influenciadas preponderantemente pela academia e as circunstâncias que cercam o processo acadêmico. Como representação, interferem na imagem que o estudante tem de si próprio, assim como na imagem do curso. Acompanham os recém formados nas primeiras incursões do profissional no mercado de trabalho e podem ser fatores determinantes na frustração e no abandono da profissão, o que traz sérias decorrências para o sujeito, para a instituição e para a sociedade. O trabalho de caracterizar as expectativas em relação ao futuro exercício profissional, que acompanham os estudantes de Psicologia desde o início do curso e suas modificações no decorrer da graduação, fruto das experiências e inter-relações do estudante com a Universidade, podem revelar informações significativas para as instituições de ensino superior. De posse dessas informações elas podem ter subsídios para melhor planejar e elaborar suas estratégias de atuação na tarefa de formação de profissionais de nível superior e em decorrência podem influir no desenvolvimento de pessoas mais capacitadas para atuação profissional, facilitando aos egressos do curso de Psicologia atingir objetivos pessoais, profissionais e sociais.

Então, o que revelam as expectativas dos estudantes de Psicologia em relação ao futuro exercício profissional? As expectativas, em relação à que o sujeito poderá realizar em sua atuação profissional, já permeiam as representações dos indivíduos que estão no processo de escolha da profissão que irão desenvolver no futuro. Ao verificar os motivos que levaram os sujeitos a escolha de Psicologia como curso superior é possível concluir que esse motivos estão fundados em expectativas de relação com o ser humano. Melhor conhecer, entender, ajudar o ser humano são objetivos indicados como decisivos para a escolha da profissão de Psicólogo. Outro motivo que influencia a decisão é o de auto referência. Pessoas decidem fazer o curso de Psicologia levados pela falsa impressão de que poderão amenizar problemas reconhecidos em si mesmos, como uma espécie de “auto terapia”. Alguns sujeitos decidiram realizar o curso de Psicologia baseados em fatores extrínsecos à profissão, ou seja, alheios ao tipo de atuação profissional ou interesse voltado a essa atuação. Facilidades que a Instituição oferecia, como distância de casa, preço das mensalidades em comparação com outras

Universidades, relação de número de candidatos e número de vagas, horário do curso, ser o único curso da área da saúde oferecido naquela oportunidade, e o “status” que cursar Psicologia poderia trazer junto aos grupos sociais em que o sujeito estava inserido, foram fatores que influenciaram a escolha do curso.

Outras revelações importantes para o planejamento da atuação da Universidade são os dados sobre as informações que os sujeitos tinham sobre o curso de Psicologia antes de iniciá-lo. Grande parte dos estudantes que entraram para a Universidade não tinha informação sobre o curso antes do início do mesmo. Dos que tinham informação alguns os obtiveram por meio de amigos, familiares, revistas, televisão e outros meios de comunicação de massa. Fontes não confiáveis pois são portadoras de informações imprecisas sobre o curso e a profissão, em algumas vezes a partir da criação de personagens que são caricaturas exageradas do profissional de Psicologia. O conhecimento de que são essas as fontes de informação sobre o curso que o sujeito pretende realizar demonstra que muitas expectativas são criadas com base em pressupostos inadequados ou mesmo a partir de fantasias e conhecimentos de senso comum.

As expectativas dos estudantes de psicologia em relação ao futuro exercício profissional são influenciadas, reforçadas ou modificadas, a partir do ingresso na Universidade com o contato direto com colegas, professores, profissionais da área e com trabalhos pertinentes ao campo de atuação em Psicologia. Essas expectativas se revelam a partir do que os sujeitos imaginam, esperam, desejam realizar após o término do curso de graduação. Ao serem questionados sobre essas expectativas os sujeitos mostram que seus desejos estão voltados para uma atuação que se encaixam nos campos clássicos da Psicologia. A maioria das indicações incide em atuações que conduzem aos campos denominados clínico, organizacional ou escolar. Essa tendência é reforçada pela Universidade que na constituição de sua programação e planejamento de ensino, divide as disciplinas e estágios utilizando essa nomenclatura. Esse modo de agir cria blocos estanques do conhecimento, não permitindo uma maior perspectiva dos estudantes para um vasto campo de atuação em Psicologia, reduzindo suas expectativas voltadas apenas para um restrito mercado de trabalho.

Entre esses três campos de atuação, a maioria dos estudantes revela uma tendência ao desejo de atuação no campo clínico. Outras pesquisas revelam dados que também indicam essa tendência. Talvez por que a Psicologia tenha seguido por um longo período um modelo médico para atuação profissional. Em relação aos fenômenos com os quais os estudantes de Psicologia desejam trabalhar os dados mostram que os estudantes tendem a indicar

fenômenos que se constituem em desequilíbrios, distúrbios, sofrimentos, problemas e rotinas. Todos indicando atuações corretivas, de rotinas de trabalho no sentido de corrigir problemas, em qualquer que seja o campo de atuação em Psicologia. Poucas são as indicações de fenômenos que indiquem um desejo de atuação no sentido de prevenir ou de construir um novo conhecimento a partir de pesquisa.

Quando o assunto pesquisado trata da expectativa de dar continuidade aos estudos e os planos de atuação profissional a longo prazo, as respostas dos estudantes mostram o desconhecimento e o despreparo para uma projeção nesse sentido. Os estudantes desejam dar continuidade aos estudos após a formatura. Porém sabem apenas identificar essa possibilidade pela nomenclatura oficial dos cursos de pós graduação (especialização, mestrado e doutorado), não conseguindo ser mais específico em relação ao seu desejo de continuidade dos estudos. Isso revela que há pouca discussão durante a graduação que gere conhecimento sobre as possibilidades de continuidade dos estudos após a conclusão da graduação. Esse desejo de continuidade de estudos pode revelar uma preocupação com o preparo para a atuação profissional. Por um lado é bom que haja preocupação com a continuidade dos estudos no sentido de atualização permanente, desenvolvimento e aprendizagem. Por outro lado é ruim no sentido de que pode revelar a insegurança e a sensação de despreparo para uma atuação profissional. O estudante de Psicologia precisa num determinado momento de sua vida sentir-se preparado para poder dar início a uma atividade profissional como psicólogo.

Se for considerado que o papel da Universidade é preparar a pessoa para atuar profissionalmente frente as situações que exigem essa atuação. Que os estudantes não tem conhecimento das situações que poderão enfrentar nem das possibilidades de atuação. Que eles não se sentem preparados para essa atuação profissional. Isso indica que a Universidade não tem cumprido com eficácia com o seu papel. Essa falta de conhecimento dos estudantes, que dificultam o planejamento referente ao exercício da profissão, mesmo que num nível mais genérico e superficial, dificulta a tomada de decisão sobre o que realizar no presente, em termos de estudos, pesquisas, estágios, trabalhos que resultam em preparação para uma situação futura. Dificulta ou impede ações mais diretas da própria Instituição de Ensino Superior, no sentido de preparar o estudante para o que o mesmo poderá realizar no exercício da profissão. É criada uma condição cíclica desfavorável ao planejamento das atividades acadêmicas. A Universidade não municia o estudante de informações necessárias para a criação de uma perspectiva de atuação profissional a longo prazo. O aluno da graduação não tem conhecimento do campo de atuação profissional em Psicologia e não consegue ter planos

concretos sobre o exercício de sua profissão a longo prazo. A Universidade não consegue ao longo do curso orientar seus alunos pois não é possível orientar àquele que não sabe onde deseja chegar. Há assim uma estagnação no processo de preparação dos estudantes para o futuro exercício profissional.

Estudantes que entram para uma Universidade, um elevado investimento em todos os sentidos, sem informações sobre os cursos que irão realizar, com expectativas de atuação profissional fundadas em pressupostos inadequados, fantasias e senso comum, tem um alto índice de probabilidade de desistirem do curso antes de terminá-lo. As frustrações dos alunos, as desarmonias entre os estudantes e seu curso de graduação trazem decorrências como a evasão escolar e pessoas que concluem um curso superior mas não exercem sua profissão. Estas estão protagonizando um prejuízo para si, para as instituições e para toda a sociedade.

É preciso e urgente que a Universidade preste atenção às informações que emanam dos sujeitos para os quais ela presta serviço utilizando essas informações como direcionamento que possibilitarão atuações mais adequadas para a melhoria da qualidade de ensino nos cursos de formação de profissionais de Psicologia. Ensino melhor planejado, atividades ampliem as perspectivas dos estudantes para o campo de atuação, poderão ser benéficas a todos os envolvidos no processo de formação profissional. Disciplinas específicas que proporcionem ao aluno conhecimento necessário para um melhor planejamento de sua vida profissional. Trabalhos escolares e estágios voltados para uma atuação prática mais específica, ampliando as possibilidades de atuação profissional e valorizando a expectativa de cada aluno. Incentivo ao aprendizado e motivação voltada para o campo da pesquisa, no sentido de propiciar a construção de novos conhecimentos em Psicologia e a adequada divulgação de todas essas atividades, que possam atingir a sociedade como um todo.

O reconhecimento desses problemas por parte das instituições de ensino superior poderá servir de impulso para um direcionamento no sentido de modificações na graduação que visem um maior preparo dos estudantes, não apenas na manutenção e repasse do conhecimento construído, mas também na construção desse conhecimento e na utilização adequada do mesmo para o exercício profissional com qualidade e que possibilite que o profissional de Psicologia atinja os seus objetivos pessoais e sociais.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, I. G. *Ter equilíbrio, para dar equilíbrio Profissão: psicólogo?* São Paulo: Arte Ciência, 1998.

BASTOS, A V. B.; ACHCAR, R. Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

BETTOI, W.; SIMÃO, L. M.. *Profissionais para si ou para outros? Algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos*. Brasília: Psicologia Ciência e Profissão. v.20. n.2, 2000.

BIANCO, A C. L.; BASTOS, A V. B.; NUNES, M. L. T.; SILVA, R. C. *Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

BOCK, A. M. B. *Formação do Psicólogo: Um debate a partir do significado do fenômeno psicológico*. Brasília: Psicologia Ciência e Profissão. n.2, 1997.

BOTOMÉ, S. P. Em busca de perspectivas para a Psicologia como área de atuação e como profissional. In: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Edicon, 1988.

BOTOMÉ, S. P. *Um procedimento para identificação de alternativas de atuação profissional em Psicologia* In: Psicologia 13 (2) 51-57 São Paulo, 1987.

BOTOMÉ, S. P.; REBELATTO, J. R. *Fisioterapia no Brasil: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais*. São Paulo: Manole, 1999.

BRANCO, M. T. C. *Que profissional queremos formar?* Brasília: Psicologia Ciência e Profissão. n. 03, 1998.

CARVALHO, A. A.; ULIAN, A. L. A. O.; BASTOS, A.V. B.; SODRÉ, L.G. P.; CAVALCANTE, M. L. P. A escolha da profissão: alguns valores implícitos nos motivos apontados pelos psicólogos. In: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Eicon, 1988.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (Org.). *Quem é o Psicólogo Brasileiro?* São Paulo: Educ, 1988.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (Org.). *Psicologia-Legislação*. Brasília: Petry. n.8, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA *Jornal do Federal* ano XVIII nº 79 Brasília: Editora Brasília Rádio Center, agosto 2004.

CRUZ, R. C. *A formação acadêmica do psicólogo*. *Psicologia Argumento*. n.23, 1998.

DOBRIANSKYI, L. N. *Percepção das áreas de atuação e expectativas em relação à futura ação profissional*. *Resumos da XVIII reunião anual de psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*. São Paulo, 1988.

FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GOMIDE, P. I. C. A formação acadêmica: onde residem suas deficiências. In: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o Psicólogo Brasileiro?* São Paulo: Edicon, 1988.

LÁZARO, C. S.; OLIVEIRA, F. A. L.; MARQUES, T. M.. *Motivos de escolha do curso de Psicologia: comparação da percepção inicial e ao término do curso*. *Resumos da XVI reunião anual de psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*. São Paulo, 1986.

MELLO, F. A. F. *O desafio da escolha profissional*. Campinas: Papirus, 2002.

MELLO, S. L. *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1975.

MELLO, S. L. *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1983.

MORAES, M.; ARAÚJO, A T. S.; OLIVEIRA, D.T.; ROSSI, A; BITENCOURT, E. A; ABREU, M. M. G.; HILLEN, V. C. *Relação entre as expectativas dos alunos e a formação*. *Resumos da XXXII reunião anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia*. Florianópolis, 2002.

MOSCOVICI, S. *A representação social na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIERON, H. *Dicionário de Psicologia*. Porto Alegre: Globo, 1972.

SANCHES, M. A. C. *Escolhas, motivos e expectativas de acadêmicos de Psicologia quanto a profissão: uma perspectiva psicoeducacional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 1999.

SANTOS, M. A.; LISBOA, L. M. P.; TAKAHACHI, T. *O estudante de Psicologia e a Psicologia: Expectativas em relação ao curso. Resumos da XVII reunião anual de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*. São Paulo, 1987.

SANTOS, O. B. *Psicologia aplicada à orientação e seleção de pessoal*. São Paulo: Pioneira, 1985.

SILAMY, N. *Dicionário de Psicologia*. Larousse. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, V. L. M. *A percepção do trabalho do psicólogo clínico em depoimentos de estudantes de Psicologia*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica, 1984.

STRATTON, P.; HAYES, N. *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Pioneira, 1997.

XAVIER, R. *Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis*. *Psicologia e Sociedade*. Jul/Dez 2002, vol 14, p. 18-47. Belo Horizonte, 2002.

ZANELLI, J. C. *Formação e atuação do psicólogo organizacional: Uma revisão da literatura*. *Temas em Psicologia*. n. 1, 1995.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Questionário

Apêndice 2 – Capítulo 7 – Tabelas e descrições

Apêndice 3 – Capítulo 8 – Tabelas e descrições

Caro aluno do curso de Psicologia

Estamos realizando levantamento de dados que serão analisados e os resultados poderão indicar caminhos para o aprimoramento da formação dos universitários. Contamos com a sua colaboração nesse processo, respondendo a esse questionário. Não é necessária sua identificação. Após a conclusão os resultados serão disponibilizados a todos os interessados.

Agradecemos sua colaboração.

Caso você não queira participar, fique a vontade para assinalar com um X aqui e devolva este questionário sem responder.

Informe abaixo os dados que o caracterizam.

Fase do curso de Psicologia: _____ Idade: _____

Sexo: _____ Religião: _____

Local de trabalho: _____ Estado civil: _____

Cidade onde nasceu: _____ Estado: _____

Cidade onde reside: _____ Estado: _____

Coloque um X entre os parênteses que indiquem a sua condição como acadêmico:

Fez vestibular: para o curso de Psicologia ()

para outro curso () Qual? _____

Fez vestibular: **Na própria Instituição?:** Mafra ()

Canoinhas ()

Curitibanos ()

Concórdia ()

Caçador ()

Em outra Universidade: Qual? _____

Esse instrumento deverá ser respondido de forma individual e espontânea. Responda a todas as questões. Caso o espaço para as respostas não seja o suficiente, utilize o verso da folha, indicando o número da questão.

1. O que o levou a fazer o curso de Psicologia?

2. Você obteve alguma informação sobre a Psicologia antes de iniciar esse curso?

Sim () Não ()

Se obteve, assinale um X nas opções que indicam a fonte dessa informação:

- | | |
|-----------------|---------------------------------|
| () Colegas | () Revistas |
| () Amigos | () Televisão |
| () Psicólogos | () Jornais |
| () Familiares | () Livros |
| () Professores | () Outras fontes: Quais: _____ |

3. O que mais influenciou você na decisão de fazer o curso de Psicologia?

4. Em quais locais (instituições) você imagina poder atuar um psicólogo?

5. Em quais locais (instituições) você quer trabalhar após formado?

6. Com que tipo de situações (fenômenos, eventos, ocorrências, acontecimentos) você imagina trabalhar um psicólogo?

7. Com que tipos de situações (fenômenos, eventos, ocorrências, acontecimentos) você deseja trabalhar como psicólogo?

8. Com quais profissionais você imagina que o psicólogo mais se relaciona em seu exercício profissional?

9. Você tem planos de dar continuidade ao seus estudos após a graduação em Psicologia?
Se sim, escreva quais os seus planos.

10. O que você espera desenvolver como trabalho em psicologia, **logo após sua formatura?**

11. Que tipo de dificuldades você imagina que os psicólogos usualmente enfrentam para exercer a profissão?

12. Que tipos de trabalho você *deseja muito* realizar no exercício da profissão de psicólogo?

13. Que tipos de trabalho você *não gostaria* de realizar no exercício da profissão de psicólogo?

14. Você tem algum plano para sua atuação profissional para após 5 ou 10 anos de sua formatura?

Sim Não

Se sim, o que você planejou?

Tabela 7.1
Distribuição de percentuais de respostas que indicam locais onde imaginam poder atuar um psicólogo

Locais de trabalho	F a s e s					Conjunto
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	
Clínica / Consultório	13.2	17.7	17.4	16.7	14,5	15.8
Clínicas de recuperação	0.0	0.0	0.0	1.3	2.4	0.6
Hospitais	13.1	17.6	13.7	16.1	13.3	14.6
Maternidade	3.0	0.0	0.7	2.6	0.0	1.6
Posto de saúde	1.8	0.0	1.4	0.6	2.4	1.3
Asilos	1.2	2.7	0.7	2.0	1.2	1.4
Orfanatos	0.0	1.3	0.0	0.0	2.4	0.5
Família	1.2	1.3	0.0	0.0	0.0	0.5
Universidades	1.8	0.0	2.9	0.0	6.0	1.9
Escola	14.3	15.0	18.1	17.3	14.5	16.2
Escolas especiais	2.4	1.3	2.1	2.6	0.0	1.9
Creches	2.4	2.7	0.0	0.0	1.2	1.1
Empresa / Indústria	13.2	16.3	18.2	16.1	14,5	15.6
Marketing / Publicidade	3.6	0.0	0.0	0.0	0.0	1.0
Penitenciária / Delegacia	3.0	5.4	2.9	3.2	6.0	3.7
Jurídico	3.6	1.3	2.8	3.9	3.6	3.2
Esporte	3.6	2.7	5.0	5.8	1.2	4.0
Trânsito	5.4	0.0	1.4	1.3	3.6	2.6
Social / Comunidades	4.2	0.0	2.9	2.0	0.0	2.2
Órgãos públicos	1.2	4.0	0.7	2.6	3.6	2.1
Instituições	1.2	0.0	2.8	2.6	2.4	2.0
ONGS	1.2	1.3	1.4	0.6	4.8	1.6
Pesquisa	1.8	0.0	0.7	0.0	1.2	0.8
Laboratórios / Farmácia	0.6	0.0	0.7	0.0	0.0	0.3
Igrejas	0.6	0.0	0.0	0.7	0.0	0.3
Onde houver pessoas	2.4	6.7	1.4	2.0	1.2	2.4
Não definiu	0.0	2.7	2.1	0.0	0.0	0.8

Descrição da Tabela 7.1

- A Tabela 7.1 apresenta a distribuição de percentuais de respostas que indicam locais onde os sujeitos imaginam poder atuar um psicólogo.
- A Tabela 7.1 foi dividida em blocos de categorias que fazem referência a locais ligados ao campo de atuação da saúde, locais vinculados a educação, locais vinculados a organizações de trabalho, a locais ligados ao campo jurídico, ao esporte, ao trânsito, aos órgãos públicos, pesquisa, laboratórios, igreja e respostas evasivas que não definem local que imaginem trabalhar.

- No conjunto de respostas das fases do curso, 36.3% dos sujeitos indicam locais ligados a uma atuação no campo da saúde.
- 21,1% dos sujeitos responderam imaginar poder atuar um psicólogo, locais ligados ao campo da educação.
- 16,6% dos sujeitos vinculam suas respostas ao campo das organizações de trabalho.
- 6,9% das respostas indicam os estudantes imaginarem a atuação profissional vinculada ao campo jurídico.
- 3,2% dos sujeitos responderam de forma evasiva não indicando um local que imaginem poder atuar um psicólogo.

- 16,2% das respostas dos sujeitos indicam a escola como um possível local de atuação.
- 15,8% dos sujeitos indicam imaginar o consultório como um local em que pode atuar um psicólogo.
- 15,6% dos sujeitos indicam as empresas como um local que imaginam poder atuar um psicólogo.
- 14,6% das respostas indicam os hospitais como local onde é possível a atuação profissional de um psicólogo.

- Algumas respostas não caracterizam locais, e sim tipos de trabalho ou campos de atuação, como família, marketing, jurídico, esporte, pesquisa e social.

- Há uma resposta genérica “onde houver pessoas”, que ocorre em todas as fases com 2,4% no conjunto de respostas.

Tabela 7.2
Distribuição de percentuais de respostas que indicam locais em que *quer trabalhar* após a formatura

Tipos de trabalho	F a s e s					Conjunto
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	
Clínica / consultório	31.1	27.9	25.8	34.5	34.7	30.4
Hospitais	20.0	14.0	10.7	13.2	20.9	15.1
Hospitais Psiquiátricos	1.8	0.0	3.0	1.6	0.0	1.6
Asilos	0.0	5.5	0.0	3.2	0.0	1.6
Maternidade	1.8	0.0	0.0	1.6	0.0	0.8
Organizacional	12.7	14.0	22.8	14.8	20.8	17.1
Marketing	1.8	0.0	0.0	1.6	0.0	0.8
Escolar	16.3	19.5	10.7	11.5	3.4	12.5
Creches	0.0	2.7	0.0	0.0	0.0	0.4
APAE	0.0	2.7	1.5	1.6	0.0	1.2
Universidades	1.8	0.0	3.0	3.3	6.7	2.8
Jurídico	0.0	2.7	6.0	0.0	6.7	2.8
Instit. Governamentais	0.0	0.0	1.5	1.6	3.4	1.2
ONGs	0.0	0.0	1.5	0.0	3.4	0.8
Instituições	0.0	2.7	1.5	0.0	0.0	0.8
Pesquisa	3.6	0.0	1.5	0.0	0.0	1.2
Assistência social	0.0	0.0	3.0	0.0	0.0	0.8
Trânsito	1.8	0.0	0.0	0.0	0.0	0.4
Não definiu	7.3	8.3	7.5	11.5	0.0	7.7

Descrição da Tabela 7.2

- A Tabela 7.2 mostra a distribuição dos percentuais dos locais em que os sujeitos gostariam de trabalhar após formados.
- A Tabela 7.2 está dividida em blocos de categorias de respostas que indicam diferentes campos de atuação do psicólogo.
- O primeiro bloco de categoria indica locais cuja atividade está vinculada ao campo clínico de atuação.
- O segundo bloco de categorias é formado por respostas que indicam locais ligados as organizações de trabalho.
- O terceiro bloco de categorias indica respostas dos sujeitos para locais com trabalhos vinculados ao campo da educação.
- O quarto bloco de categorias indica o campo jurídico de atuação.
- O quinto bloco de categorias, indica locais com trabalhos institucionais.
- O sexto bloco de categorias indica a pesquisa como campo de atuação profissional.
- O sétimo bloco de categorias indica trabalho de assistência social.
- O oitavo bloco de categorias é formado por respostas que indicam o trânsito como campo de atuação que querem trabalhar os sujeitos.
- Há uma categoria de respostas que não definem locais em que queiram trabalhar os sujeitos que responderam.
- No conjunto de respostas há um percentual de 49,5% que indicam locais cuja atuação se refere ao campo da saúde.
- 17,9% das respostas indicam locais com trabalho vinculado ao campo organizacional.
- 16,9% das respostas indicam locais em que desejam trabalhar após formados como sendo no campo de atuação educacional.
- 30,4% das indicações dos sujeitos ocorrem para o consultório como o lugar onde querem trabalhar após formados.
- 17,1% dos sujeitos respondem desejar trabalhar em organizações de trabalho.
- 15,1% dos sujeitos respondem querer trabalhar em hospitais logo após a formatura.
- 12,5% das respostas indicam as escolas como o local em que gostariam de trabalhar após formados.
- Não definiram um local em que gostariam de atuar 7,7% dos sujeitos.
- Na 9.a fase a ocorrência de respostas que não definem locais de atuação é zero.

Tabela 7.3
Distribuição de percentuais de respostas sobre profissionais com os quais imaginam relacionar-se o psicólogo em sua atuação profissional

Campo de atuação %	Profissão	F a s e s					Conjunto
		1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	
Saúde 44.0 %	Médico	20.7	26.0	16.3	21.6	19.0	20.5
	Neurologista	5.1	0.0	2.0	0.8	5.6	2.5
	Psiquiatra	5.1	10.0	7.2	6.0	7.5	7.0
	Enfermeiro	1.3	4.0	1.0	4.3	1.9	2.5
	Fisioterapeuta	1.3	0.0	1.0	4.3	7.5	2.8
	Psicólogo	2.5	6.0	4.0	5.1	1.9	3.8
	Fonoaudiólogo	0.0	2.0	2.0	2.5	15.2	3.5
	T. Ocupacional	0.0	0.0	2.0	0.0	0.0	0.5
	Endocrinologista	0.0	0.0	0.0	0.8	0.0	0.2
	Dentista	0.0	0.0	0.0	0.0	1.9	0.2
Pediatra	0.0	0.0	0.0	0.0	3.7	0.5	
Educação 19.3 %	Professor	14.3	16.0	11.1	18.2	11.4	14.6
	Diretor de escola	2.5	2.0	0.0	0.0	0.0	0.7
	Pedagogo	0.0	6.0	4.1	3.4	3.7	3.3
	Psicopedagogo	0.0	0.0	0.0	0.8	0.0	0.2
	Or. Educacional	0.0	0.0	0.0	1.7	0.0	0.5
Empresas 15.4 %	RH	3.8	0.0	0.0	0.0	0.0	0.7
	Empresário	6.4	0.0	6.2	3.4	0.0	3.9
	Gerentes	5.1	4.0	8.2	3.4	5.6	5.4
	Administrador	1.3	2.0	2.0	4.3	5.6	3.0
	Operário	2.5	2.0	2.0	0.8	1.9	1.7
	Secretária	0.0	2.0	0.0	0.0	0.0	0.2
Relação Pública	0.0	0.0	1.0	0.8	0.0	0.5	
Jurídica 3.3 %	Advogado	5.1	2.0	3.1	1.7	1.9	2.9
	Juiz	0.0	0.0	0.0	0.8	0.0	0.2
	Promotor	0.0	0.0	0.0	0.8	0.0	0.2
Outras 4.7 %	Escritor	1.3	0.0	0.0	0.0	0.0	0.2
	Policial	2.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.5
	Bombeiro	1.3	0.0	0.0	0.0	0.0	0.2
	Assist. Social	0.0	6.0	1.0	7.7	1.9	3.6
	Esportista	0.0	0.0	0.0	0.8	0.0	0.2
Não definiu 11.6 %	Não definiu	15.4	6.0	22.7	6.0	3.8	11.6
Não respondeu 1.7 %	Não respondeu	2.5	4.0	3.1	0.0	0.0	1.7

Descrição da Tabela 7.3

- A Tabela 7.3 mostra a distribuição percentual de profissionais com os quais os sujeitos imaginam relacionar-se o psicólogo em sua atuação profissional.
- A Tabela 7.3 está dividida em 5 blocos de categorias de respostas que aglutinam os profissionais mencionados pelos sujeitos por campos de atuação.
- O primeiro bloco de categorias envolve profissionais do campo da saúde.
- O segundo bloco de categorias é constituído por profissionais do campo da educação
- O terceiro bloco de categorias é composto por profissionais do campo das organizações de trabalho.
- O quarto bloco de categorias é constituído por profissionais do campo jurídico.
- O bloco de número 5 é composto de profissionais de outros campos de atuação que não podiam ser inseridos em nenhum campo anterior.
- Nos dois últimos blocos de categorias de respostas estão aquelas que não definem um profissional ou aqueles sujeitos que não responderam a questão.

- A tabela aglutina alguns profissionais que foram indicados, por campos de atuação.
- 44.0% das respostas dos sujeitos indicam profissionais do campo da saúde.
- 19.3% dos sujeitos responde que imaginam relacionar-se um psicólogo com profissionais do campo da educação.
- 15.4% dos sujeitos indicam em suas respostas profissionais ligados às empresas.
- 3.3% dos sujeitos indicam profissionais da área jurídica.
- 11.6% dos sujeitos não definiu em suas respostas algum profissional que imagine relacionar-se um psicólogo em sua atuação.
- 1.7% dos sujeitos não respondeu.

- 20.5% dos sujeitos no conjunto indicam o médico como um profissional que relaciona-se com o psicólogo.
- 14.6% dos sujeitos indicam o professor como um profissional com o qual imagina relacionar-se um psicólogo em sua atuação.
- As demais indicações são distribuídas entre outros profissionais.

Tabela 8.1
Distribuição percentual de trabalho que não gostaria de realizar no exercício da
profissão de psicólogo

Tipos de trabalho	F a s e s					Conjunto
	1 ^a	3 ^a	5 ^a	7 ^a	9 ^a	
Organizacional	12.9	15.0	8.2	22.7	6.6	14.0
Clínica /consultório	3.2	10.0	2.6	0.0	0.0	2.8
Dependências	0.0	5.0	0.0	0.0	6.6	1.4
Doença mental	3.2	15.0	5.2	0.0	6.6	5.0
Deficientes	9.7	0.0	2.6	0.0	0.0	2.8
Problema sexual / abuso	0.0	0.0	5.2	0.0	0.0	1.4
Crianças / Def. mentais	3.2	0.0	2.6	2.7	0.0	0.7
Adulto	3.2	0.0	0.0	0.0	0.0	0.7
Idosos	0.0	5.0	2.6	2.7	0.0	2.1
Crianças	0.0	5.0	18.7	8.3	0.0	8.3
Adolescentes	0.0	0.0	0.0	0.0	6.6	0.7
Hospitais	6.5	5.0	5.2	5.5	0.0	5.0
Acidentados	0.0	5.0	0.0	0.0	0.0	0.7
Luto / morte	0.0	0.0	2.6	2.7	0.0	1.4
Doentes Terminais	9.7	0.0	0.0	5.5	0.0	3.5
Jurídica	0.0	0.0	0.0	2.7	13.4	2.1
Penitenciária	9.7	0.0	5.2	2.7	20.2	6.8
Escolar	0.0	10.0	0.0	17.1	26.8	9.0
Probl. Aprendizagem	0.0	0.0	5.2	5.5	0.0	2.8
Aulas / palestras	0.0	5.0	0.0	5.5	0.0	2.1
Pesquisa	3.2	0.0	0.0	0.0	0.0	0.7
Trânsito	6.5	0.0	0.0	0.0	0.0	1.4
Esportes	3.2	0.0	0.0	0.0	0.0	0.7
Testes	0.0	5.0	5.2	2.7	0.0	2.8
Burocracia	0.0	0.0	0.0	2.7	0.0	0.7
Instit. Públicas	0.0	0.0	0.0	0.0	6.6	0.7
Não respondeu	3.2	5.0	5.2	2.7	0.0	3.5
Não definiu	22.6	10.0	23.7	8.3	6.6	16.2

Descrição da Tabela 8.1

- A Tabela 8.1 mostra a distribuição percentual em relação ao trabalho que os sujeitos *não* gostariam de realizar no exercício da profissão de psicólogo.
- As categorias mostram as rejeições de cada sujeito a um tipo específico de trabalho.
- A Tabela 8.1 está dividida em seis categorias de acordo com campos de atuação, sendo na ordem, organizacional, clínico, hospitalar, jurídico, escolar e outros campos.
- Há um bloco de respostas para os que não responderam ou não definiram algum tipo de trabalho que não gostariam de realizar.

- Com as categorias aglutinadas em campos de atuação a Tabela 8.1 mostra que há 14% de respostas que indicam rejeição ao campo organizacional
- 25,9% dos sujeitos respondem que tem alguma rejeição a trabalho no campo de atuação clínica e suas especificidades.
- 10,6% dos sujeitos respondem que não gostariam de atuar com trabalhos em hospitais.
- 13,9% de respostas indicam sujeitos que não gostariam de atuar no campo escolar.
- 8,9% dos sujeitos responde que não gostariam de atuar no campo jurídico
- 7% das respostas dos sujeitos foram distribuídas entre outras modalidades de trabalho, que os mesmos não gostariam de realizar no exercício da profissão.
- 19,7% dos sujeitos não definiram ou não responderam sobre trabalho que não gostariam de realizar.

- Nas categorias específicas e no conjunto de respostas das cinco fases do curso, 14,0% das respostas dos sujeitos indicam um trabalho do campo organizacional.

- 9,0% das respostas dos sujeitos respondem especificamente como um trabalho que não gostariam de realizar o escolar.
 - 8,3% dos sujeitos definem que não gostariam de atuar com crianças
 - 5,0% dos sujeitos respondem que não gostariam de atuar com doença mental.
 - 16,2% dos sujeitos não definiram algum trabalho que não gostariam de realizar.
-
- No que se refere ao campo clínico de atuação os sujeitos responderam com locais de trabalho (clínica, consultório), com tipos de problema (doença mental, dependência, deficiência) e com tipos de pessoas (criança, adulto, idoso, adolescente).

Tabela 8.2
Distribuição de respostas, ocorrências e percentual de respostas sobre dificuldades
imaginam enfrentar um psicólogo no exercício profissional

Categorias de dificuldades	de	Respostas / Dificuldades	Ocorrências	Percentual
Preconceito relação ao trabalho do psicólogo	em	Preconceito, discriminação, chamados de loucos, rejeição, má imagem, resistência a procura, falta de valorização, desmistificar o papel do psicólogo, falta de credibilidade, não aceitação dos médicos, falta de interesse dos outros profissionais.	60	36,37
Falta conhecimento sociedade relação ao trabalho do psicólogo	de da em	Falta de conhecimento, divulgação falha, medo, cobrança para solução de qualquer problema, falta de reconhecimento, confusão das pessoas em relação ao clinicar o tempo todo, senso comum.	33	20,00
Falta oportunidade trabalho	de de	Falta de oportunidade de trabalho, mercado de trabalho, vagas limitadas, espaço de trabalho, concorrência, dificuldade de estabelecer-se.	25	15,15
Falta de condições de trabalho		Falta de condições de trabalho, tratamento caro e longo, falta de auxílio, salário, instabilidade de emprego, dificuldade financeira, crise do país, elitização, barreiras, falta de material para trabalho, falta de incentivo, falta de tempo.	15	9,09
Falta competência profissional	de	Entender o problema do paciente, conselhos, falta ensinamento na faculdade, empatia, identificação com problemas das pessoas, conciliar teoria e prática, exercício da profissão, mistura do profissional e pessoal, não saber lidar com pressão psicológica, não saber lidar com conflitos, pessoas com dificuldade de expressão, falta de confiança, pessoas com dificuldade de contar seus problemas.	14	8,48
Problemas éticos		Questões éticas, outros profissionais agindo como psicólogos.	5	3,03
Não respondeu / Não definiu / Não sabe / Resposta genérica			13	7,88

Descrição da Tabela 8.2

- A Tabela 8.2 mostra a distribuição de respostas, ocorrências e percentuais de respostas dos sujeitos sobre as dificuldades eles imaginam enfrentar um psicólogo em seu exercício profissional.
- As respostas foram agrupadas em seis blocos de dificuldades.
- Primeiro bloco é composto de dificuldades em relação ao preconceito ao trabalho do psicólogo.
- Segundo bloco de respostas forma o grupo relacionado a falta de conhecimento da sociedade em relação ao trabalho do psicólogo.
- Terceiro bloco é formado por respostas que se referem às dificuldades em relação às oportunidades de trabalho.
- Quarto bloco é composto de respostas que demonstram insegurança em relação a competência profissional.
- Sexto bloco de respostas é composto pelos problemas éticos enfrentados na atuação profissional.
- Há um bloco composto por respostas que não definem uma dificuldade, por sujeitos que não responderam, não sabiam ou responderam de forma genérica.
- 36,37% dos sujeitos respondem imaginar dificuldade no exercício profissional por causa do preconceito da sociedade em relação ao trabalho do psicólogo.
- 20% dos sujeitos respondem imaginar dificuldades no exercício da profissão por conta do desconhecimento das pessoas sobre o trabalho de um psicólogo.
- A soma desses dois fatores, preconceito (36,37%) e desconhecimento (20%), resultam em 56,37% de respostas sobre o que imaginam problematizar o exercício profissional do psicólogo.
- Falta de oportunidades de trabalho compõem 15,15% das respostas dos sujeitos em relação ao que imaginam de dificuldade no exercício da profissão de psicólogo.
- Problemas relacionados com falta de competência profissional ou inseguranças na atuação profissional tem 8,48% das respostas do que os sujeitos imaginam de dificuldade no exercício da profissão de psicólogo.
- Problemas éticos foram citados por 3,03% dos sujeitos como dificuldades que enfrentaria um psicólogo no exercício profissional.
- 7,88% das respostas não definiam alguma dificuldade, eram genéricas, os sujeitos não sabiam responder ou não responderam à questão.